



Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais - PPGCTA

Luíza Luchi Ramos Santos

**GESTÃO SUSTENTÁVEL DE ECOVILAS:
UMA ANÁLISE CRÍTICO-INTERPRETATIVA**

Orientadora: Prof. Dra. Allívia Rouse Carregosa Rabbani

Co-orientador: Prof. Dr. Roberto Muhájir Rahnemay Rabbani

PORTO SEGURO - BA

OUTUBRO – 2019



Luíza Luchi Ramos Santos

GESTÃO SUSTENTÁVEL DE ECOVILAS: UMA ANÁLISE CRÍTICO-INTERPRETATIVA

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências e Tecnologias Ambientais.

Orientadora: Prof. Dra. Allívia Rouse Carregosa Rabbani

Co-orientador: Prof. Dr. Roberto Muhájir Rahnemay Rabbani

PORTO SEGURO - BA

OUTUBRO - 2019

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia - Sistema de Bibliotecas

S237g Santos, Luiza Luchi Ramos

Gestão sustentável de ecovilas: uma análise crítico-interpretativa / Luiza Luchi Ramos Santos. – Porto Seguro, 2019.

94 f.

Orientador: Allívia Rouse Carregosa Rabbani

Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Sul da Bahia. Campus Sosígenes Costa. Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais.

1. Gestão Ambiental. 2. Sustentabilidade. 3. Ecoaldeias. I. Rabbani, Allívia Rouse Carregosa. II. Título.

CDD:363.700981

Universidade Federal do Sul da Bahia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais
Centro de Formação em Ciências Ambientais

Ata da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado

Aos 30 dias do mês de outubro do ano de 2019, às 14:30h, na sala Trancoso 1, Campus Sosígenes Costa, reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos professores: Allívia Rouse Carregosa Rabbani (Orientadora e Presidente da banca), Alessandra Buonavoglia Costa Pinto (membro interno) Laura Jane Gomes (membro externo à instituição) e Marcos Eduardo Cordeiro Bernardes (membro interno) a fim de arguirem a mestrando **Luíza Luchi Ramos Santos**, cujo trabalho intitula-se "Gestão Sustentável de Ecovilas: definição e governança". Aberta a sessão pela presidente da mesma, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionada pelos membros da banca examinadora, tendo dado as explicações que foram necessárias. Os membros da banca consideraram o trabalho de dissertação:

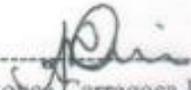
() aprovado

() aprovado com modificações →

() não aprovado, devendo ser realizada nova qualificação no prazo de ___ meses.

Recomendações da Banca: → vide verso

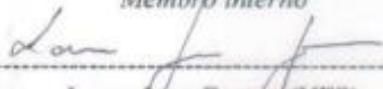
Banca Examinadora:



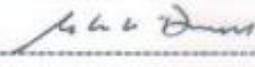
Allívia Rouse Carregosa Rabbani (IFBA)
Orientadora e Presidente da banca



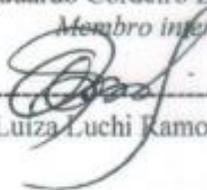
Alessandra Buonavoglia Costa Pinto (UFSB)
Membro interno



Laura Jane Gomes (UFS)
Membro externo à instituição



Marcos Eduardo Cordeiro Bernardes (UFSB)
Membro interno

Candidato: 

Luíza Luchi Ramos Santos

Porto Seguro, 30 de outubro de 2019.

“Aos seres viventes que a todo momento me ensinam que para ser um bom mestre é preciso ser primeiro um bom discípulo, com carinho”. (Sawabona)

O CAMINHO ADIANTE...

Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Tal renovação é a promessa dos princípios da Carta da Terra. Para cumprir esta promessa, temos que nos comprometer a adotar e promover valores e objetivos primordiais à espécie humana.

Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Devemos desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modo de vida sustentável aos níveis local, nacional, regional e global. Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão.

Devemos aprofundar expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca iminente e conjunta por verdade e sabedoria. A vida muitas vezes envolve tensões entre valores importantes. Isto pode significar escolhas difíceis. Porém, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a diversidade com a unidade, o exercício da liberdade com o bem comum, objetivos de curto prazo com metas de longo prazo. Todo indivíduo, família, organização e comunidade têm um papel vital a desempenhar. As artes, as ciências, as religiões, as instituições educativas, os meios de comunicação, as empresas, as organizações não-governamentais e os governos são todos chamados a oferecer uma liderança criativa. A parceria entre governo, sociedade civil e empresas é essencial para uma governabilidade efetiva.

Para construir uma comunidade global sustentável, as nações do mundo devem renovar seu compromisso com as Nações Unidas, cumprir com suas obrigações respeitando os acordos internacionais existentes e apoiar a implementação dos princípios da Carta da Terra com um instrumento internacional legalmente unificador quanto ao ambiente e ao desenvolvimento.

Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida”.

AGRADECIMENTOS

À UFSB, ao IFBA e todos aqueles que colaboram para o ensino público de alto nível e para pesquisa deste país, meu reconhecimento e minha gratidão.

Aos professores que com sua dedicação e zelo me ensinaram a percorrer o caminho acadêmico para produção científica, especialmente a Profa. Dra Allívia Rouse Carregosa Rabbani pela orientação, paciência e por acreditar neste trabalho e a todo o corpo docente do PPGCTA por criarem e manterem este programa de suma importância para tecnologias ambientais.

À ecovila Terra Luminous por sua generosidade e acolhimento no processo de transparecer seu sistema de governança, em especial ao professor Rafael Oliveira que me acolheu na prática da Sociocracia, da qual me tornei adepta e difusora.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	18
ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	21
OBJETIVO GERAL	21
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	21
CAPÍTULO 1	22
ECOVIDAS – UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS EM PORTUGUÊS DE 2009 A 2019.....	22
INTRODUÇÃO	23
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
DISCUSSÃO TEÓRICA	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
CAPÍTULO 2	34
ECOVIDAS: NOVA DEFINIÇÃO DO FENÔMENO CONTEMPORÂNEO PLURAL	34
INTRODUÇÃO	35
CONCEITO ATUALIZADO DE ECOVIDAS.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
CAPÍTULO 3	47
SOCIOCRACIA S3: ESTUDO DE CASO EM UMA ECOVILA	47
INTRODUÇÃO	48
GOVERNANÇA E GESTÃO SUSTENTÁVEL DE ECOVIDAS	49
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
CARACTERIZAÇÃO DA ECOVILA TERRA LUMINOUS.....	55
SOCIOCRACIA S3 NA TEORIA E NA PRÁTICA.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
CONCLUSÃO GERAL	72
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE 1	80
APÊNDICE 2	88
APÊNDICE 3	89
APÊNDICE 4	92
APÊNDICE 5	94

GESTÃO SUSTENTÁVEL DE ECOVILAS: UMA ANÁLISE CRÍTICO INTERPRETATIVA

RESUMO

Este estudo busca compreender o fenômeno contemporâneo plural Ecovilas em uma perspectiva prático-teórica por meio do cruzamento de informações entre o levantamento da produção bibliográfica, da compreensão do conceito e a imersão na vida de uma Ecovila. O exame de textos sobre Ecovilas e as práticas de um grupo de indivíduos e seus componentes permite verificar a projeção e a definição de Ecovila como fenômeno contemporâneo e identificar os principais problemas relacionadas a sua gestão sustentável. Esta pesquisa contribui para a triangulação da temática “Ecovilas e gestão sustentável”, nos níveis teórico e prático. Nela são elencados os principais problemas enfrentados na conceituação derivada da compreensão de sustentabilidade prática para a governança de uma ecovila e seus desdobramentos nos acordos de convívio via pesquisa qualitativa. Como resultado, afez-se que as decisões de governança das Ecovilas, por conta do seu compromisso perene com a sustentabilidade, são complexas e tem de apreciar não apenas as dimensões econômica e social, mas também ecológica, cultural e organizacional. Os resultados da pesquisa foram o mapeamento das publicações científicas brasileiras sobre Ecovilas no período de 2009 e 2019; atualização do conceito de ecovila e identificação dos principais problemas e conflitos que a gestão enfrenta no estudo de caso da Ecovila Terra Luminous (Juquitiba-SP).

Palavras-chave: gestão ambiental; sustentabilidade; ecoaldeia;

SUSTAINABLE MANAGEMENT OF ECOVILLAGES: A CRITICAL APPROACH

ABSTRACT

This study seeks to understand the contemporary plural phenomenon Ecovillages in a practical-theoretical perspective by crossing information between the survey of bibliographic production, the understanding of the concept and the immersion in the life of an Ecovill. Examining texts about Ecovillages and the practices of a group of individuals and their components allows us to verify the projection and definition of Ecovill as a contemporary phenomenon and to identify the main problems related to its sustainable management. This research contributes to the triangulation of the theme “Ecovillages and sustainable management”, at the theoretical and practical levels. In it are listed the main problems faced in the conceptualization derived from the understanding of practical sustainability for the governance of an ecovillage and its consequences in the conviviality agreements through qualitative research. As a result, it is clear that Ecovillage governance decisions, because of their perennial commitment to sustainability, are complex and must appreciate not only the economic and social dimensions but also the ecological, cultural and organizational dimensions. The results of the research were the mapping of Brazilian scientific publications on Ecovillages in the period 2009 and 2019; update of the concept of ecovillage and identification of the main problems and conflicts that management faces in the case study of Ecovila Terra Luminous (Juquitiba-SP).

Keywords: *environmental management; sustainability; eco-village;*

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Estratégia de busca por “ecovila” ou “ecoaldeia” em publicações classificada por tipo na base de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ janeiro/2009 e setembro/2019.....	25
Tabela 2 - Autores em publicações científicas em português, que possuem o termo “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ janeiro/2009 e setembro/2019.....	27
Tabela 3 - Áreas das publicações científicas em português, que possuem o termo “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro de 2009 a setembro de 2019.....	28
Tabela 4 - Autores mais citados nas referências em publicações científicas em português, que possuem o termo “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro/2009 e setembro/2019.....	29
Tabela 5 - Obras referidas em número decrescente de citações em publicações científicas em português, que possuem os termos “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro/2009 e setembro/2019.....	31
Quadro 1 – Definições de ecovilas encontradas em trabalhos científicos em busca realizada no ano de 2019.....	38
Quadro 2 - As seis dimensões do conceito de ecovila.....	41
Quadro 3 - Regras básicas da sociocracia S3.....	61

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Publicações científicas em português (janeiro de 2009 a setembro de 2019) nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro/2009 e setembro/2019, que possuem o termo "ecovila" ou "ecoaldeia" no título ou palavras-chave.....	27
Figura 2 - Palavras chaves mais citadas em publicações científicas em português, que possuem os termos “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro/2009 e setembro/2019.....	29
Figura 3 - Seis dimensões da ecovila.....	43
Esquema 1 - Esquema metodológico da coleta de dados da pesquisa.....	52
Figura 4 - Mapa de localização da Ecovila Terra Luminous em relação à capital São Paulo.....	54
Esquema 2 - Princípios norteadores da Sociocracia Clássica.....	62
Figura 5 - Divisão da estrutura organizacional na ecovila Terra Luminous.....	65
Figura 6 - Práticas norteadoras da sociocracia.	66
Figura 7 - Dinâmica de fluxo de informação entre círculos via elo duplo.	67

LISTA DE ABREVIATURAS

APA	Área de proteção Ambiental
BET	Bacia de Evotranspiração
CASA	Conselhos de Assentamentos Sustentáveis da América Latina
CMV	Comissão de Valores Mobiliários
CMMA	Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CNV	Comunicação Não-Violenta
DS	Desenvolvimento Sustentável
ECOSOC	United Nations Economic and Social Council
FIC	Fellowship For Internacional Communities
GEN	Global Ecovillage Network
IBGE	Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística
MBA	Master Business Administration
OCB	Organização das Cooperativas do Brasil
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGCTA	Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais
S3	Sociocracia 3.0
SCM	Sociocratic Circle-Organization Method
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia

APRESENTAÇÃO

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, senão o que somos. (Fernando Pessoa)

Nasci dotada de uma curiosidade de explorar o mundo, própria da infância, mas que nunca passou. Essa, provavelmente é a razão que, na condição de peregrina, viajei por quase 40 países nesses 35 anos de vida, sempre morando com pessoas desconhecidas para compreender o que era importante nessa vida para elas. As diferentes culturas me fascinam: novos costumes, crenças, hábitos e aspectos físicos dos diferentes povos e suas distintas formas de conviver ao redor do mundo me atraem como um ímã. Essa é a principal explicação da guinada de área de concentração que fiz em minha vida acadêmica. Me lancei como pesquisadora, pois precisava compreender porque algumas pessoas preferiam viver em comunidade e por que elas dedicavam suas vidas a isso.

São Paulo foi uma passagem importante na minha vida, porque foi a cidade que cheguei adolescente e saí adulta. Foi na selva de concreto que cheguei com 17 anos e uma diminuta mala para estudar administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas. Essa era uma oportunidade única que, segundo meu pai, cheio de orgulho, eu iria estudar na melhor escola da América Latina, com os melhores professores, onde se elaboram os índices econômicos mais importantes do país. Ele não teve essa oportunidade e não existia a chance de não ir, nem a chance de voltar não diplomada. Jovem, não sabia o que esperar, mas sabia dos sacrifícios que meus pais estavam fazendo para me garantir essa oportunidade de estudos.

Eu me formei e aprendi toda base do que sei do mundo da gestão. De fato, era e ainda é uma escola de excelência. A formação técnica me tornaria competente para conduzir uma organização. Mas as minhas inseguranças me impediam de acreditar nisso. Eu me perguntava: como iria gerir uma organização de pessoas sem compreender os fatores subjetivos que as motivavam? E percebi que a proposta era exatamente essa, de prover ensino tecnicista. O lado subjetivo seria por minha conta.

E confesso que não aprendi naquela que é considerada a melhor, aquilo que hoje considero o tópico mais importante de todos: a sustentabilidade. Essa palavra mágica, hoje pronunciada indistintamente aos quatro ventos nos diversos contextos sociais e

interesses, àquela época não era estudada nem mesmo nos cursos de *Master Business Administration* - MBA da mesma instituição, onde trabalhava como assistente de ensino. Sei que hoje o currículo contempla algumas matérias, até porque, o mercado consumidor está exigindo, mas, foi, justamente, obter mais informações sobre essa lacuna que me dotou de uma força motriz para continuar buscando respostas.

Com diploma em mãos, voltei à Bahia para estudar para concurso e me encantei com a proposta de sustentabilidade do Plano Orientador da nova universidade que viria a se instalar em Porto Seguro. Então, após ser aprovada no referido concurso para gestora, resolvi iniciar uma nova graduação, a de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, na tentativa de compreender melhor o que o mundo estava alertando sobre sustentabilidade.

Fazer uma nova graduação não foi uma decisão fácil, mas foi uma decisão acertada. Senti logo no ano inicial, uma enorme diferença na matriz curricular. Foi impossível não perceber que enquanto o meu curso anterior de administração era todo direcionado para a gestão de capital especulativo, o curso de bacharelado interdisciplinar era voltado para produção de conhecimento humano. Era um novo universo e foi durante essa nova graduação que aprendi sobre a importância da sustentabilidade e da interdisciplinaridade como via metodológica.

Percebi claramente que a sustentabilidade permeia todos os assuntos das humanidades, incluindo ética e justiça social, e que a interdisciplinaridade ampliava horizontes. Eu me permiti, então, misturar assuntos aparentemente desconectados e testar novas alquimias. Resolvi cruzar meus conhecimentos técnicos de gestão com novos aprendizados sobre sustentabilidade e modos de viver na forma de pesquisa informal e sem garantias de efeito. Queria, de forma determinada, compreender o porquê de determinadas pessoas largarem suas vidas bem estabilizadas na selva de concreto e buscarem a vida próxima à natureza. Eu me identificava com elas, avistava nelas a minha trajetória.

Desse relacionamento com as humanidades, nasceu o meu amor pela Antropologia e os Estudos Etnográficos. Apaixonei-me pela ideia de pesquisar comunidades via trabalho de campo. Sabia que esse tipo de imersão era um caminho para responder minhas inquietações e me tornei uma ávida pesquisadora amadora da temática Ecovilas. Tanto no ler, quanto no conviver.

Em 2015, chegou no meu *e-mail*, o convite para participar do primeiro curso sobre Ecovilas *online*, ofertado pelo portal Irradiando Luz, com o mestre Gabriel Siqueira. Eu o conhecia como pesquisador, pois já havia lido sua dissertação e vislumbrei a possibilidade de fazer várias perguntas para alguém com mais experiência. Eu me inscrevi, participei e, após ter acesso a uma biblioteca temática compartilhada, decidi que seria pesquisadora acadêmica do tema. Foi quando decidi fazer o curso de Pós-Graduação de Sociedades Cooperativas na Universidade Estadual Santa Cruz – UESC, em IlhéusBA. Acreditava que o sistema cooperativo poderia ser uma resposta à forma de organização para ecovilas. O curso me trouxe alguns *insights* e me instigou ainda mais, apesar de não ter concluído.

Como uma pesquisadora de ecovilas, mas ainda sem encontrar um curso no qual pudesse realizar a pesquisa, fui fisgada, em 2017, pelo anúncio do novo Programa de PósGraduação em Ensino de Ciência e Tecnologia - PPGECT, no campus Sosígenes Costa da UFSB, em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, campus Porto Seguro -BA. Era a proposta que tanto procurara:

O Programa Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências e Tecnologias Ambientais é um programa no formato associativo entre a Pró-Reitoria de Gestão Acadêmica da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e a PróReitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), e tem por finalidade a formação de recursos humanos de alto nível com formação técnica e científica na área das Ciências e Tecnologias Ambientais. A consolidação da pesquisa na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e no Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), em Porto Seguro, tem levado ao compromisso inegociável com a sustentabilidade e a forte preocupação com a preservação da diversidade socioambiental dos territórios em que está implantada, bem como com os conflitos socioambientais neles existentes. (UFSB, 2017)

Assim, ingressei na primeira turma do Mestrado de Ciência e Tecnologias Ambientais, ofertado no campus em que atuo, com o pré-projeto de estudar Ecovilas, um tipo específico de comunidade intencional, e seu o território no melhor estilo Milton Santos. Ao iniciar a pesquisa, entretanto, percebi que não poderia utilizar boa parte dos conhecimentos em administração já adquiridos, então mudei o tema para gestão sustentável de Ecovilas e optei pelo formato mais dinâmico de entrega da dissertação em três artigos admitido pelo programa. Foi o ingresso nesse mestrado que me proporcionou a fundamentação teórica e metodológica para a pesquisa, a qual, somada à minha

trajetória profissional, levou-me responder muitas das perguntas que acumulei ao longo da vida sobre vida em comunidade.

Foi durante o mergulhar metodológico, quando os dados mostraram a complexidade da temática, que compreendi que me foram exigidos diferentes níveis de aprendizagem. Iniciei a pesquisa com uma visão romântica do conceito de ecovila e terminei a análise interpretativa com um olhar crítico. Todavia, entrevi o potencial desse fenômeno contemporâneo tão característico e ao mesmo tempo plural.

Essa pesquisa possuiu cinco momentos bem marcados: a etapa inicial de motivação, a etapa de planejamento, a etapa prolongada de pesquisa e trabalho de campo, a etapa de querer desistir de tudo porque achei que não estava progredindo e a etapa final de sistematização e elaboração desta dissertação. Em todas as etapas foi possível procurar por apoio técnico, ora da minha orientadora e co-orientador, ora de colegas qualificados. Mas ficou evidente no decorrer, que o grande desafio não era colocar no papel o que estava na minha cabeça, mas sim vencer aquela insegurança emocional de gerir organizações adquirida no primeiro curso de graduação.

Nesses momentos, fui muito apoiada pela família e amigos que já me viam mestre no assunto por assistir algumas das minhas preleções. Eles me lembraram porque comecei e o quanto tinham sido impactados pelo meu entusiasmo pelo tema. Assim, na hora mais difícil, lembrei que não era por um título que eu pesquisava Ecovilas e sim por acreditar que esta é uma resposta efetiva de assentamento humano sustentável frente à crise ambiental que vivemos. Escrever sobre Ecovilas é importante não apenas para mim, mas para um coletivo, enfim venci minha insegurança. Hoje, eu me sinto capaz de elaborar questões e propor respostas, sem a pretensão de ser a dona da verdade.

Inspiro-me, muito, em Paulo Freire, quando diz “Mudar é difícil, mas é possível. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. Compartilho, então, na condição de incessante buscadora: foi com alegria que escrevi essa dissertação. Nela encontrei não apenas satisfação pessoal e profissional, mas um caminho para trilhar nos próximos anos.

INTRODUÇÃO

A constatação da crise ambiental moderna se consolidou no final da década de 60 com uma série de livros, congressos e encontros internacionais que rediscutiram o que era entendido até então por desenvolvimento e sua geração de danos à natureza (FOLADORI, 2002, p.102). Essa discussão se ampliou alcançando novos públicos e os anos 70 são marcados por questionamentos e manifestações ecológicas em defesa da inclusão dos problemas ambientais nas pautas do desenvolvimento em um nível mundial, reflexo da percepção do conflito crescente entre o modelo de expansão industrial econômica e a depredação ecossistêmica (LIMA, 1997, p.202)

Em 1987, o Relatório *Brundtland* das Nações Unidas, em seu documento *Our Common Future*, prenunciou o patamar da crise ambiental atual e definiu pela primeira vez desenvolvimento sustentável – DS - como “aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações” (CMMA, 1988, p. 49). Este advento lançou o desafio para a sociedade pensar estrategicamente a qualidade de vida a longo prazo e novas gerações ao administrar de forma eficaz os recursos naturais do meio ambiente e sua interdependência econômica dentro de uma visão sustentável.

Foi nessa esteira histórica que surgem as primeiras Ecovilas, criadas na forma de comunidade capazes de reduzir o impacto negativo sobre um dos maiores problemas atuais – a exaustão dos recursos naturais, comprometidas de forma não adiável com a capacidade de regeneração e reprodução da vida no planeta. Se apresentam como fenômeno emergente e se destacam das demais comunidades intencionais por se tratarem de uma forma de assentamento humano cuja gestão é pensada a partir do capital humano e da competência aplicada de sustentabilidade (ROYSEN, 2018).

Em 1991, Robert Gilman, conceitua pela primeira vez o termo ecovila para definir o que viria a ser as novas comunidades que estavam se constituindo em torno do pensamento sustentável ainda que incipiente, derivado da ecologia, como sinônimo daquela que tende à estabilidade, equilíbrio dinâmico e interdependência de ecossistemas. Pouco tempo após a primeira definição, em 1995, é organizada a primeira Conferência Mundial sobre o tema “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis: modelos para o século XXI” na ecovila de *Findhorn*, Escócia, com a participação de cerca de 400 pessoas provenientes das mais diversas partes do mundo, para debater em torno daquele

novo conceito e para criar aquela que viria a ser a maior Rede Global de Ecovilas – GEN (DAWSON, 2006; BANG, 2005) que hoje congrega apenas em sua plataforma digital mais de mil ecovilas cadastradas.

Àquela época, já era visível se tornaria insustentável em pouco tempo pelos altos passivos gerados à sociedade, ampliando as injustiças e as vulnerabilidades socioambientais, e se iniciou uma fala em favor das sociedades sustentáveis que se edificam a partir de um processo dinâmico de transformação do indivíduo a partir da adesão ao ambientalismo como movimento sócio-político capaz de desenvolver a consciência crítica e as potencialidades humanas na construção de um futuro mais justo.

Hoje as demandas das atividades econômicas são exponenciais e as transformações insalubres infringidas à natureza em nome de progresso da égide do capital são muitas vezes irreversíveis e quem sentirá mais são a nova geração. Segundo a fundação *Gaia Trust* (2019), Ecovilas são uma medida eficaz no combate “à degradação dos ambientes sociais, ecológicos e espirituais” que devem ser fomentadas uma vez a humanidade deve reunir esforços para enfrentar uma era sem precedentes de (in)sustentabilidade. Na prática, as Ecovilas funcionam como espaços alternativos de atuação para conectar cidadãos solidários e interessados pelos problemas coletivos.

A concepção de sustentabilidade não pode ser reducionista e aplicar-se apenas ao crescimento/desenvolvimento, como é predominante nos tempos atuais. Ela deve cobrir todos os territórios da realidade que vão das pessoas, tomadas individualmente às comunidades, à cultura, à política, à indústria, às cidades e principalmente ao Planeta Terra com seus ecossistemas. Sustentabilidade é um modo de ser e de viver que exige alinhar as práticas humanas às potencialidades limitadas de cada bioma e às necessidades dos presentes e das futuras gerações. (BOFF, 2012 p.6)

A sustentabilidade habitada foi aderida, inicialmente, pelas Ecovilas na perspectiva de reverter as tendências degradantes do modelo hegemônico de desenvolvimento de globalização, a partir dos anseios dos diferentes grupos sociais em seus territórios. Porém, nos últimos anos, a expressão sustentabilidade dentro questões de meio ambiente e de desenvolvimento econômico se ampliou em sentido e já não cabe analisar somente uma das dimensões, ambiental ou a econômica, como áreas separadas, desobrigadas das possibilidades de diálogos, sob o risco de adotarmos uma concepção reducionista, apartada de uma abordagem multidimensional que a tema exige

Hoje a vertente antropocêntrica que predominou no século passado e sua tendência ético-filosófica que percebe o ser humano como centro e senhor da existência,

num sentido em que todo o resto dos seres está condicionado à utilidade que possam lhe proporcionar (LIMA, 1997, p.207) de sustentabilidade se encontra obsoleta. Assim, a atualização do conceito de Ecovilas é necessária ao passo que a compreensão de sustentabilidade como diretriz perene e central (DIAS; LOUREIRO et al; 2017). As temáticas são atreladas, por definição, e não é possível estudar uma separada da outra.

Por isso, para falar em Ecovilas, é preciso, primeiramente falar em sustentabilidade de forma multidimensional, peremptoriamente, a partir de um prisma cujas facetas político-institucional, econômica, ambiental, cultural, psicológica e tecnológica são volvidas para a construção de sociedades sustentáveis e a educação ambiental emerge como ferramenta para formação de cidadãos críticos (COSTA-PINTO, 2019).

É justamente a consciência crítica de que são dotados os “ecovileiros” que promove a participação dinâmica e ativa em todos os aspectos da sustentabilidade e permite que as Ecovilas sejam território fértil, verdadeiros laboratórios sociais, para testar alternativas para evitar a depleção local dos recursos finitos (BELLEZE et al, 2017). A existência provocativa das Ecovilas, por desafiar os padrões atuais de consumo, ampara a sociedade sustentável a se estabilizar em tempos de transição forçada da economia linear insustentável que supervaloriza o capital financeiro para a economia circular.

Este estudo desafia o leitor a repensar as estruturas tradicionais de gestão em função do que é sustentável e exige da pesquisa, discussão e *design* do que é gestão sustentável da protagonista ecovila dentro de um contexto de revisão radical do que é progresso em tempos de escassez. Para realizar o trabalho, foi realizada uma busca bibliográfica e bibliométrica de amplo espectro do último decênio sobre Ecovilas. Em seguida, recuperou-se a história do surgimento do conceito de Ecovilas atrelado à elaboração de sociedades sustentáveis. Em um terceiro momento, exploramos a percepção dos ecovileiro quanto usuários desse laboratório de gestão sustentável e seus conflitos inerentes.

ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Através de um estudo aprofundado em torno da temática entrelaçada ecovila e sustentabilidade, este trabalho se estrutura em três seções divididas na forma de artigos, além desta introdução e da conclusão: 1. Trata da análise de resultados do mapeamento da produção brasileira do termo ecovila no decênio de 2009 a 2019; 2. Delineia-se um breve histórico do termo contemporâneo ecovila, seu conceito dinâmico e a uma definição atualizada do fenômeno; e 3. Trata dos problemas de gestão enfrentadas na governança de uma ecovila objeto de estudo, bem como seus desafios, limitações e implicações éticas.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Compreender Ecovilas quanto fenômeno contemporâneo plural e sua gestão baseada na sustentabilidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Mapear publicações científicas em português sobre Ecovilas entre o período de 2009 e 2019;
- 2) Analisar os diferentes conceitos de Ecovilas dentro de uma perspectiva histórica desde a origem do conceito e fornecer conceito atualizado em português;
- 3) Identificar os principais problemas e conflitos que a gestão sustentável enfrenta na governança via estudo de caso da ecovila Terra Luminous (Jquitiba-SP).

CAPÍTULO 1

ECOVILAS – UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS EM PORTUGUÊS DE 2009 A 2019

RESUMO

Em um cenário de degradação ambiental global as Ecovilas vêm despertando atenção por serem apontadas como uma forma alternativa de assentamento humano sustentável. Essa nova proposição de configuração de estilo de vida foi cunhada pela ONU em 1992, com o termo em inglês “Ecovillage”. Com o passar dos anos, essa nova forma de sociedade foi difundindo-se até ser incorporada a língua portuguesa, sendo traduzida como “Ecovilas” ou “ecoaldeias”. O presente artigo tem por objetivo buscar, selecionar e analisar as principais características do perfil da produção científica publicada em português, entre 2009 e 2019, sobre “Ecovilas” ou, como também conhecida, “ecoaldeia”, examinando as discussões acadêmicas em estudos qualitativos e quantitativos. Para isso, um levantamento bibliométrico foi realizado a partir do mapeamento de publicações científicas em português (artigos científicos, teses e dissertações) nas bases online Google Acadêmico, DOAJ e RCAAP. Ao total foram encontradas 84 publicações, das quais 56 foram selecionadas como relevantes para compor o portfólio bibliográfico de revisão. O resultado demonstra uma curva crescente de produção no repositório científico brasileiro com predominância das referências de autores estrangeiros.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Ecoaldeias; Busca;

ABSTRACT

In a scenario of global environmental degradation, Ecovillages are attracting attention because they are pointed as an alternative form of sustainable human settlement. This new lifestyle design proposal was created by the UN in 1992 under the English term "Ecovillage". Over the years, this new form of society was spread until incorporated into the Portuguese language, being translated as "Ecovillages" or "eco-villages". This article aims to search, select and analyze the main characteristics of the scientific production profile published in Portuguese, between 2009 and 2019, about "Ecovillages" or, as also known, "eco-village", examining how academic studies in qualitative and quantitative. For this, a bibliometric survey was conducted from the mapping of scientific publications in Portuguese (scientific articles, theses and dissertations) in the Google Scholar, DOAJ and RCAAP online databases. In total, 84 publications were found, of which 56 were selected as relevant to compose or review bibliographic portfolio. The result shows a growing production curve of the Brazilian scientific repository, with predominance of references from foreign authors.

Key words: Sustainability, Ecovillage, Search;

INTRODUÇÃO

As Ecovilas se destacam das demais comunidades intencionais por reunir pessoas preocupadas com as questões ambientais em suas ações cotidianas. Sua gestão é diferenciada das demais organizações por ser pensada a partir do capital humano e sua relação de sustentabilidade com a natureza. Até 2018, a REDE GLOBAL DE ECOVILAS - GEN indica em seu relatório anual uma tendência ao crescimento vertiginoso com estimativa de mais de 15 mil Ecovilas ao redor do mundo, das quais, mais de mil estão cadastradas na rede (GEN, 2019a). Destas, 40 Ecovilas cadastradas estão localizadas no Brasil e podem ser localizadas online via na ferramenta de busca da plataforma.

Essas comunidades são entendidas como uma solução para um dos maiores problemas de nosso tempo - a limitação de recursos para o crescimento sustentável - e se apresentam como fenômeno emergente que, segundo a Fundação *Gaia Trust*, é um movimento que trabalha em prol da harmonização do mundo via esferas sociais, ecológicas e espirituais (GAIA TRUST, 2019).

Em sua essência, a ecovila é um tipo de assentamento humano sustentável derivado da prática ancestral de convívio em comunidade intencional e de conceituação contemporânea. O termo ecovila foi cunhado pela ONU quando apontado como “modelo de excelência de vida sustentável” pela Agenda 21 após a conferência da Eco-92 ocorrida no Rio, em relatório produzido com a colaboração daqueles que viriam a formar a GEN - em 1995 para fomentar Ecovilas ao redor do mundo (GAIA TRUST, 2019; GEN, 2018).

O conceito de Ecovilas é dinâmico, e parte do princípio de sustentabilidade derivado da consciência ecológica de seus membros, onde se busca uma perspectiva social de bem-estar aliada a autonomia política tendo uma identidade cultural compartilhada (DIAS; LOUREIRO; 2017). Até o início do século XXI as Ecovilas eram definidas como:

Comunidades urbanas ou rurais formadas por pessoas que se esforçam para integrar o ambiente social cooperativo com um estilo de vida que não cause danos ao meio ambiente. Para atingir este objetivo, junta-se também vários aspectos de planejamento e projeto ecológico, construção ecológica, produção verde (orgânica, sem agrotóxicos), fontes alternativas de energia, práticas para construir a comunidade e outros fatores mais (GEN, 2009).

Recentemente, a GEN (2019) compreendeu que é insuficiente apenas não causar danos ao meio ambiente e modificou o conceito, incluindo o termo regeneração. A definição de ecovila passou a ser:

Uma ecovila é uma comunidade intencional, tradicional ou urbana que é conscientemente projetada por meio de processos participativos de propriedade local em todas as 4 dimensões da sustentabilidade (social, cultura, ecologia, economia em todo o design de sistemas) para regenerar seu ambiente social e natural. As Ecovilas são laboratórios vivos, pioneiros em belas alternativas e soluções inovadoras. São assentamentos rurais ou urbanos com estruturas sociais vibrantes, muito diversas, porém unidas em suas ações para estilos de vida de baixo impacto e alta qualidade (GEN, 2019b, tradução nossa).

Assim, com as mudanças das relações entre homem e o meio ambiente, é interesse observar se a ciência vem acompanhando estas transformações. Dentro dessa perspectiva de fenômeno contemporâneo plural, o presente estudo tem por objetivo analisar a produção científica em português relacionada a “Ecovilas” ou “Ecoaldeias”. Para isso, foi realizada uma análise bibliométrica em artigos, teses e dissertações publicados no último decênio (2009 até 2019).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se por ser uma prospecção científica de base documental, empírico-analítica de abordagem descritiva quantitativa e qualitativa uma vez que busca a identificação de aspectos associados a temática do ecovila.

Para tanto, foi realizada uma busca das publicações científicas divulgadas entre janeiro de 2009 a setembro de 2019, que possuíam os termos “ecovila” ou “ecoaldeia”, por serem sinônimos, bem como o plural dos termos via ferramenta de pesquisa avançada em português.

A técnica que possibilita um estudo deste tipo é a bibliometria. Segundo Sciasci, Garcia e Galli (2012), a bibliometria é o estudo dos aspectos quantitativos da produção escrita por meio de métodos quantitativos e qualitativos a partir de modelos matemáticos, verificando a produtividade tanto no ambiente científico (artigos, tese, dissertações) quanto tecnológico (patentes), por meio da avaliação categórica das fontes bibliográficas e de referências relacionadas (SPINAK, 1996; VASCONCELOS, 2014).

Gil (2010) explica que a pesquisa bibliográfica é elaborada sempre com base em materiais já publicados, tais como: livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.

O estudo de conteúdo busca classificar elementos em vista de um ou mais conjuntos agrupados por semelhança ou diferenciação permitindo consolidação das informações obtidas. Já a técnica de análise de conteúdo a partir da análise bibliométrica compõe-se de técnicas estatísticas e matemáticas para mineração no intuito de obter dados combinados a partir da literatura (ARAÚJO, 2006).

O processo de seleção de trabalhos na forma de artigo, tese ou dissertação, para portfólio bibliográfico, ocorreu por meio da busca via Web, nas bases de dados: DOAJ (*Directory of Open Access Journal*; <https://doaj.org/>) e RCAAP (Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal; <https://www.rcaap.pt/>) e *Google Scholar* (<https://scholar.google.com.br/>), também conhecido como Google Acadêmico.

A análise bibliométrica das publicações consistiu em duas etapas, sendo que a primeira consistiu na coleta de dados, enquanto a segunda teve como objetivo apresentar os resultados obtidos (LONGARAY; 2015; SCIASCI et al., 2012). Essa análise limitou-se à busca por trabalhos acadêmicos que estivessem com seu conteúdo disponível na íntegra em formato PDF ou HTML para download ou consulta online e utilizou planilha de Excel para determinação de amostragem probabilística.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A primeira etapa da pesquisa nas quatro bases escolhidas foi, basicamente, buscar pelos termos “ecovila” ou “ecoaldeia”, no singular e no plural, em qualquer um dos dois campos: título ou resumo (Tabela 1).

Tabela 1 - Estratégia de busca por “ecovila” ou “ecoaldeia” em publicações classificada por tipo na base de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro de 2009 a setembro de 2019.

Base	Artigos	Teses de doutorado	Dissertações de mestrado	Total
Google Acadêmico	29	7	17	53
RCAAP	5	5	13	23
DOAJ	8	0	0	8

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a estratégia, foram encontrados 84 trabalhos nas três plataformas de acordo com a tabela 1. Os trabalhos foram dispostos em planilha Excel com título, tipo de publicação e plataforma.

Após isso, foi aplicada formatação condicional para identificar os valores duplicados (mesmo título, autor e tipo de publicação) e foram identificados 23 trabalhos duplicados no Google Scholar (maior base) e 2 trabalhos constando tanto na base RCAAP quanto DOAJ.

Excluídas esses no processo de catalogação, as 59 publicações foram listadas numericamente contendo título, a plataforma em que foi originalmente encontrada, tipo, ano, área, autor principal e link de acesso e status (campos para ser utilizado para checagem de requisitos da pesquisa).

Ao acessar cada um dos links para leitura criteriosa dos resumos, foram descartados: o que não havia data da publicação do artigo (1) e apesar da menção no título, não havia relação direta com Ecovilas e sim, agronegócios (1). Além disso, foi rejeitada uma dissertação porque realizou a pesquisa em um instituto de ecovila que é diferente de uma ecovila.

Institutos associados à permacultura e Ecovilas no Brasil são Organizações Não-Governamentais ou Associações Cívicas, com objetivo em comum de expandir conhecimentos acerca da permacultura, uma das boas práticas das Ecovilas (IPC, 2019; IPEC, 2019; IPEMA, 2019) No Brasil existem três institutos intitulados de “permacultura e Ecovilas”.

São eles: (1) do Cerrado, (2) da Mata Atlântica e (3) do Ceará. Os três têm finalidades educativas e são fomentadores de projetos socioeducativos voltados para a cultura da sustentabilidade e sua atuação não fica restrita geograficamente a uma ecovila específica e sim uma região de atuação.

Por esta razão o trabalho “Conservação de energia em assentamentos humanos pela utilização da permacultura: um estudo no Instituto de Permacultura e Ecovila da Mata Atlântica” de 2010 não foi considerado no portfólio.

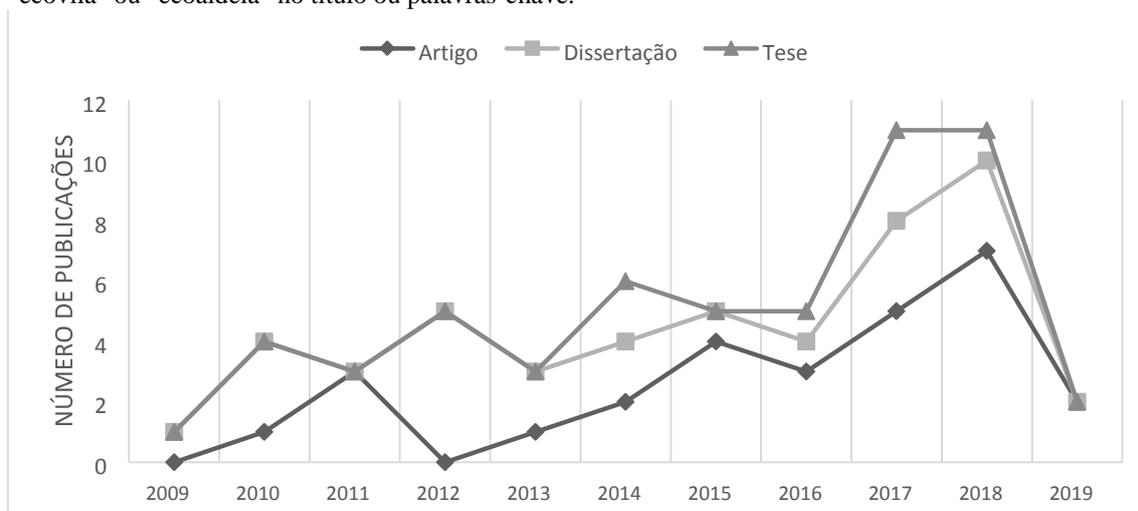
Após a realização das primeira 3 (três) etapas (1. Busca nas bases online, 2. Filtragem e 3. Produção de relatório), foram selecionados um total de 56 trabalhos científicos, 29 artigos, 20 dissertações e 07 teses, para a formação da nova listagem-base de planilha Excel de consulta a ser utilizada na análise bibliométrica (Apêndice 1).

Para apreciação dos dados, o presente estudo foi inspirado na estrutura já utilizada por Longaray et al. (2015). Assim, o relatório de dados já categorizados, seguiu para a análise quantitativa de produção, área e autoria e qualitativa com foco no estudo do conteúdo e de referências bibliográficas.

Foram identificados o número de publicações por ano (Figura 1).

Constata-se que a produção a respeito das “Ecovilas” vem aumentando com o passar do tempo, sendo que os anos 2017 e 2018 são os anos de maior número de publicações (11 publicações cada), com queda para no ano seguinte (2019). O ano de 2018 foi o ano que mais se publicou artigos sobre o tema (7). As publicações do ano 2019 contam apenas duas publicações de artigos. Isto pode ser reflexo do levantamento dos dados, para o ano de 2019, ter ocorrido até setembro. Durante o mesmo período, enquanto foram reunidos no DOAJ, apenas 8 artigos em português, foram disponibilizados para acesso em inglês 29 artigos.

Figura 1 - Publicações científicas em português (janeiro de 2009 a setembro de 2019) nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro de 2009 a setembro de 2019, que possuem o termo "ecovila" ou "ecoaldeia" no título ou palavras-chave.



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto aos autores que constam como único autor ou primeiro nome da obra, destaque para as contribuições dos seguintes nomes (Tabela 2): Roysen, Rebeca (4); Dias, Maria Accioly (4); Comunello, Luciele Nardi (3); Pires, Cristiana do Vale (3); Fabri, Adriano (3); Bôlla, Kelly Daiane Savariz (2); Flores, Barbara Nascimento (2); e Siqueira, Gabriel de Mello Viana (2).

Tabela 2 - Autores em publicações científicas em português, que possuem o termo “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro de 2009 a setembro de 2019.

Autor principal	No.	Autor principal	No.
Roysen, Rebeca	4	Costa, André	1
Dias, Maria Accioly	4	Cunha, Eduardo	1
Comunello, Luciele Nardi	3	Dantas, André Gustavo	1
Pires, Cristiana do Vale	3	Diório, Ana Carolina	1
Fabri, Adriano	3	Esteves, Marta Sofia	1
Bôlla, Kelly Daiane	2	Ferreira, Camila	1
Flores, Bárbara	2	Fiuza, Ana Paula dos	1
Siqueira, Gabriel de Mello	2	Grybenaite, Saule	1
Algarvio, Iuri Cristóvão	1	Januário, José Flávio	1
Andrade, Liza Maria	1	Lozano, Mirian	1
Arruda, Beatriz Martins	1	Machado, Matheus	1
Barros, Joana Martins de	1	Moraes, David Onezio	1
Belleze, Gabriela	1	Morais, Sebastião	1
Borelli, Fernanda Chagas	1	Morão, Regina Célia	1
Brandão, Gabriela Gazola	1	Palmeira, Danielle	1
Britto, Ana Luiza	1	Santos Júnior,	1
Cabrera, Magali López	1	Santos, Elvira	1
Campani, Michele Mucio	1	Soares, Thais Aline	1
Caravita, Rodrigo	1	Steinbusch, Lina	1
Castro, Ludmira Marinho	1	Veiga, Livan Chiroma	1
Cecchetto, Carise Taciane	1		
Total			56

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre as publicações da Rebeca Roysen, estão Dentre as os autores está Siqueira (2012), responsável pela dissertação mais antiga sobre a temática, com o título “Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de Ecovilas: novas fronteiras do campo de estudos”. É ativista do tema, foi cofundador da ecovila Ecoaldeia e do portal online Irradiando Luz, que de tempos em tempos faz o mapeamento das Ecovilas brasileiras, despertou a atenção para a pesquisa etnográfica em busca das tensões e conflitos que permeiam as Ecovilas e racionalidade adotada para resolução. Atualmente, trabalha como diretor de comunicação da GEN, sendo responsável por nutrir relações e engajar novos ativistas ambientais em toda a rede global (SIQUEIRA, 2019).

Foram identificadas 23 áreas, das quais seis delas concentravam 61% das publicações (Tabela 3). A área que mais faz referência ao tema de ecovilas é “Arquitetura e Urbanismo” (9), seguida por “Gestão Ambiental e Sustentabilidade” (6), Antropologia (6), Administração (5), Geografia (4) e Meio Ambiente (4).

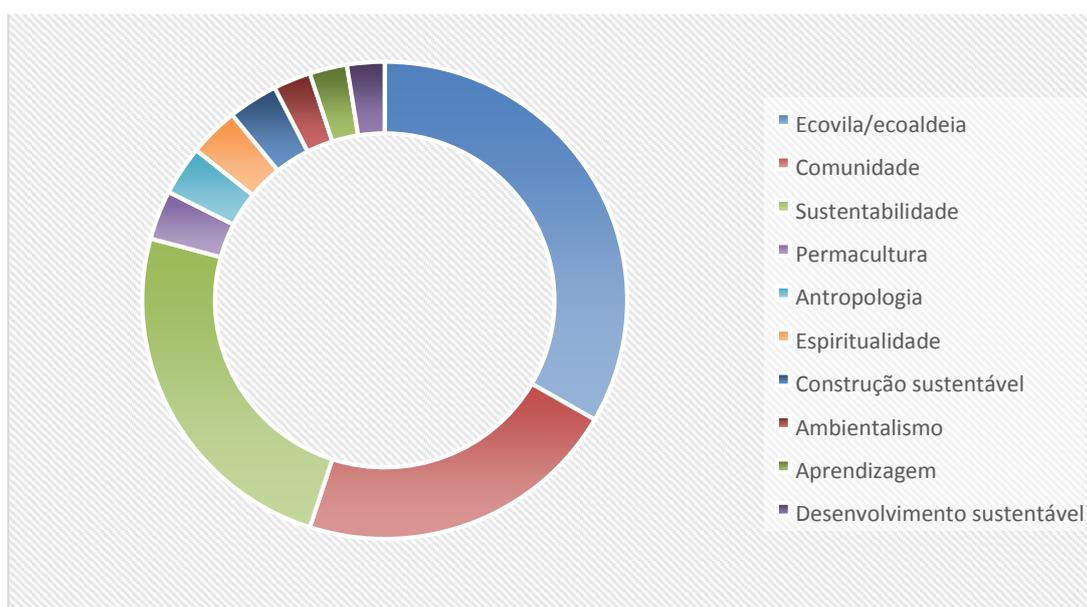
Tabela 3 - Áreas das publicações científicas em português, que possuem o termo “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ (jan. a set./2019).

Área	No. De publicações
Arquitetura e Urbanismo	9
Gestão Ambiental e Sustentabilidade	6
Antropologia	6
Administração	5
Geografia	4
Meio ambiente	4
Total	34

Fonte: Dados da pesquisa.

Para o título, “ecovila(s)” aparece 42 vezes e “ecoaldeia(s)” quatro vezes. Foram contabilizadas um total de 241 palavras chaves em português associadas às 56 publicações acadêmicas de base (Figura 2) e foram selecionadas as 121 por amostra modal. Nove palavras-chaves se destacaram pela repetição de no mínimo três vezes: sustentabilidade (30), comunidade (26), permacultura (4), antropologia (4), espiritualidade (4), construção sustentável (4), ambientalismo (3), e aprendizagem (3) e desenvolvimento sustentável (3). Destaque para o próprio termo “ecovila” ou “ecoaldeia” que aparecem quarenta vezes. Tamanha frequência na amostra é justificada pelo próprio critério de filtragem para construção de portfólio.

Figura 2 - Palavras chaves mais citadas em publicações científicas em português, que possuem o termo “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro de 2009 a setembro de 2019.



Fonte: Dados da pesquisa.

O termo “Ecovila” foi formalmente conceituado a primeira vez numa publicação de Robert Gilman como “um assentamento de funcionalidade completa, em escala humana, onde as atividades humanas são integradas ao mundo natural de maneira inofensiva, de tal forma que apoiam o desenvolvimento humano saudável, podendo ser continuada de forma bem-sucedida e indefinida no futuro” (GILMAN; 1991, p.10, tradução nossa).

Esse conceito ainda é utilizado por alguns autores até hoje por se tratar do conceito clássico de ecovila.

Para catalogar os autores citados foi realizada uma listagem com todas as referências, totalizando mais de 3500 obras, resultando uma média de 62 obras por trabalho, dos quais foram destacados os 15 autores mais citados (Tabela 4), dentre eles a GEN e Fritjot Capra são os mais referenciados.

Tabela 4 - Autores mais citados nas referências em publicações científicas em português, que possuem o termo “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro de 2009 a setembro de 2019.

Autores	No. de publicações
GEN - Global Ecovillage Network	28
CAPRA, Fritjot	23
GILMAN, Ross	21
JACKSON, Hildur	21
INGOLD, Tim	20
SANTOS, Milton	19
SANTOS JR., Severiano	19
CHRISTIAN, Diane Leaf	19
MORIN, Edgar	18
SACHS, Ignacy	18
DAWSON, Jonhatan	18
BAUMAN, Zygmunt	17
SVENSSON, Karin	17
MOLLISON, Bill	16
JACKSON, Ross	16

Fonte: Dados da pesquisa

Dentre os autores mais citados, foi possível reunir as dez obras mais utilizadas como base para as publicações que possuem como objeto de estudo as Ecovilas (Tabela 5).

Tabela 5 - Obras referidas em número decrescente de citações em publicações científicas em português, que possuem o termo “ecovila” ou “ecoaldeia” no título ou palavras-chaves nas bases de dados Google Acadêmico, RCAAP e DOAJ entre janeiro de 2009 a setembro de 2019.

Obra	Autoria	Ano	No.
<i>Ecovillages living: restoring the Earth and her people</i>	JACKSON, H., SVENSSON, K.	2002	20
Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo	SANTOS JR, J.	2006	16
Ecovillages – What is an ecovillage?	GEN	2002-2018	16
<i>Creating a life together: practical tools to grow ecovillages and intentional communities</i>	CHRISTIAN, D. L.	2003	13
<i>The Ecovillage Challenge</i>	GILMAN, R.	1996	12
Introdução à Permacultura	MOLLISON, B.	1991	10
Comunidade: a busca por segurança no mundo atual	BAUMAN, Z.	2003	8
<i>The Ecovillage Movement</i>	JACKSON, R.	2004	8
A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos	CAPRA, F.	1996	8
<i>Ecovillages and the transformation of values</i>	DAWSON, J.	2010	7

Fonte: Dados da pesquisa

Para o estudo de referência, pode-se verificar que Jackson R., Jackson H., Svensson K., considerados autores clássicos do tema são citados principalmente por sua colaboração na definição do termo no início do movimento. Foi a GEN é citada em 50% dos trabalhos, e a definição de Ecovilas da GEN e, foi a terceira mais citada, teve 16 menções, entretanto importante observar que se trata de uma definição que fica disposta no glossário de seu website online e é citada com diferentes datações uma vez que é atualizada anualmente, sendo a data mais antiga a de 2002.

O único brasileiro da lista é Severiano José dos Santos Jr, citado 16 vezes, autor do artigo pioneiro do tema em português "Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo" de 2006. Um decênio depois, Severiano contribuiu novamente com o tema em sua tese de doutorado na área de geografia "Zelosamente habitando a terra: Ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas" cujo objetivo foi compreender melhor a formação e a atualidade do fenômeno socioespacial da ecovila na realidade brasileira (SANTOS JR, 2016, p. 11).

A americana Diana Leafe Christian é citada 13 vezes. Christian é autora do clássico "*Creating a life together: practical tools to grow ecovillages and intentional communities*" e também do manual prático para fazer parte de uma ecovila ou comunidade intencional "*Finding Community: How to Join an Ecovillage or Intentional*

Community” e desperta a atenção de seus leitores para o componente psicológico que, segundo ela, é responsável pelo insucesso de 90% das Ecovilas (CHRISTIAN, 2003, p. 14).

A quinta obra mais utilizada é a “*The Ecovillage Challenge*” de Robert Gilman. Esta deu origem a primeira definição publicada de ecovila de com colaboração da sua esposa e ativista Diane Gilman (DAWSON, 2015). Destaque ainda para a obra de referência sobre Permacultura de Bill Morrison de 1991, que foi revista e atualizada em 2001 e encontra-se disponível gratuitamente para download na internet com devida autorização para reprodução e é, até hoje, referência de boas práticas dentro das ecovilas. Criada pelos ecologistas Bill Mollison e David Holmgren à época da Revolução Verde¹, a permacultura teve influência do modo de vida integrado à natureza das comunidades aborígenes australianas e propõe criar sistemas funcionais de produção que supram as necessidades humanas em harmonia com a natureza (HOLMGREN, 2013).

Dentre as obras mais citadas, consta “*Teia da Vida*” de Fritjot Capra (8 vezes), cujo subtítulo explica a intenção do livro de ser “uma nova compreensão científica dos sistemas vivos”. O autor contemporâneo Fritjot Capra escreveu sobre a mudança de paradigma em que a natureza não era mais uma máquina como defendido outrora por Descartes e sim uma entidade holística que exigia da parte humana uma atitude mais ecológica. Capra preconizou a criação de novas modalidades de comunidades humanas ao enunciar sobre a complexidade que assumia os pensamentos na era moderna e necessidade derivada das novas formas de se relacionar quando escreveu “Ser ecologicamente alfabetizado, ou “eco-alfabetizado”, significa entender os princípios de organização das comunidades ecológicas (ecossistemas) e usar esses princípios para criar comunidades humanas sustentáveis” (CAPRA, 1996, p.231).

Zygmunt Bauman é outro autor visto devido a sua obra crítica “*Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*” (8 vezes) confirmando que diferentes formatos de assentamentos humanos como as Ecovilas são uma tendência crescente não só na pesquisa, mas no estilo de vida preconizado pela modernidade líquida (BAUMAN, 2003).

¹ A expressão Revolução Verde foi criada em 1966, em uma conferência em Washington, por William Gown, que defendia o uso da tecnologia para desenvolver países com déficit de alimentos - “É a Revolução Verde, feita à base de tecnologia, e não do sofrimento do povo”.

A obra “*Ecovillages and the transformation of values*” de Jonathan Dawson foi citada sete vezes. Dawson foi residente de *Findhorn* por um longo período, chegou a ser presidente do GEN. Hoje ele é um dos principais autores do projeto *Gaia Education* que fomenta boas práticas de Ecovilas ao redor do mundo (GAIA EDUCATION, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o passar dos anos houve um aumento nas publicações científicas, destacando a área de arquitetura e urbanismo a que mais publica produções científicas sobre Ecovilas em português. As duas palavras chaves mais associadas à ecovila/ecoaldeia, são comunidade e sustentabilidade. A GEN desponta como referência mais utilizada pelos pesquisadores. Apesar das publicações serem em português, a maior parte das referências utilizadas são de autores estrangeiros.

CAPÍTULO 2

ECOVILAS: NOVA DEFINIÇÃO DO FENÔMENO CONTEMPORÂNEO PLURAL

RESUMO

O termo “Ecovilas” surgiu em 1991 através do livro “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis” e divulgado mundialmente em 1995, a partir da consolidação da Rede Global de Ecovilas. Desde então, houve uma evolução do conceito, transformando-se num termo que evidencia sua correlação com sustentabilidade. No entanto, por se tratar de um fenômeno contemporâneo plural, a definição de “Ecovilas” torna-se mutável, e a concepção de sustentabilidade acaba ganhando novas dimensões, pois a sociedade exige novas formatações de assentamento humano, tornando-se fundamental rever suas bases formadoras. Logo, propõe-se nesta pesquisa, o estudo da origem do termo “Ecovilas”, a partir de um resgate histórico por meio de literatura científica, visando sistematizar cronologicamente suas diferentes resoluções e ressaltar seus componentes semânticos que contribuem para sua caracterização. Assim, como resultado auferiu-se uma nova definição multidimensional baseada em seis pilares. Portanto, o fenômeno “Ecovilas”, constitui um campo fértil de investigações para pesquisadores de novas organizações sustentáveis, do qual assinala para novas trilhas a serem exploradas.

Palavras-chave: Ecoaldeias; Sustentabilidade; Conceituação semântica;

ABSTRACT

The term “ecovillages” emerged in 1991 through the book “Ecovillages and Sustainable Communities” and spread worldwide in 1995, from the creation of the Global Ecovillages Network. Since then, there has been an evolution of the concept, transformed into a term that shows its correlation with sustainability. However, because it is a contemporary plural phenomenon, the definition of “ecovillages” becomes changeable, and a conception of sustainability ends up gaining new measures, as a society requires new human settlement formations, using fundamentally to revise its formative foundations. Therefore, it proposes in this research, the origin study of the term “ecovillages”, from a historical rescue through scientific literature, to chronologically systematize their different measures and highlight their semantic components that contribute to their characterization. Thus, as the result is a new multidimensional definition based on six pillars. Therefore, the “ecovillages” phenomenon, which records an ideal field of research for researchers from new sustainable organizations, makes it marked for new trails to be explored.

Keywords: *Ecovillages; Sustainability; Semantic conceptualization;*

INTRODUÇÃO

O surgimento do termo “Ecovilas” está diretamente associado aos movimentos sociais ocorridos a partir dos anos 1960, caracterizado pela contracultura *hippie* e a tentativa de ruptura com o modelo econômico-social existente na época (PIRES, 2012), em que “viver” ganhava um novo conceito em consonância com a natureza. Este período foi marcado pela transição do modelo industrial, onde, até então, o foco destas atividades era visto como progresso, evoluindo para um padrão pós-industrial (LUCCI, 2010). Tal transição deu origem à sociedade de conhecimento, não mais caracterizada por uma economia de uso intensivo de capital e trabalho, orientada para a produção em massa, mas por uma economia de capital intelectual, fundamentada no indivíduo (THEIS, 2013). Os interesses que antes gravitavam em torno da satisfação de necessidades básicas, como o bem-estar econômico e a coesão social, agora compartilham espaço com necessidades de ordem estética, intelectual, e de qualidade de vida (INGLEHART, 1999). Assim, a ideia de “morar bem”, contempla todas essas novas necessidades.

No entanto, já não bastava mais viver nos subúrbios, longe dos grandes centros, era preciso viver de forma sustentável, conforme o entendimento da época. Assim, nesse cenário, nascem as comunidades que viriam a se tornar as primeiras Ecovilas (SANTOS JR., 2006; CAPELLO, 2013; DAWSON, 2006). Estas surgem como uma resposta concreta de nova organização de assentamentos humanos frente ao atual paradigma linear capitalista e consumista e sua consequente insustentabilidade ambiental e social (CAPRA, 2002). Sendo assim, nesta pesquisa, realiza-se uma revisão teórica do termo Ecovilas, com o objetivo de apresentar o fenômeno plural e mostrar sua consolidação como um campo promissor de investigações e, como resultado, uma atualização do termo.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção temos a definição de Ecovilas e a descrição de como o fenômeno é caracterizado. Na segunda seção, temos o delineamento de seus contornos; na terceira seção, serão apresentadas as dimensões e pilares para a formação de uma Ecovila; na quarta seção, é debatido o uso indiscriminado do termo e os devidos esclarecimentos sobre o que não é Ecovila; na quinta seção, indicamos algumas possibilidades de aprofundar-se na investigação do assunto. Ao final, a partir da fundamentação dos elementos que compõem uma ecovila, bem como da exclusão daqueles elementos que não a devem compor, será proposta uma

nova definição que irá trazer a completude da semântica do termo, devidamente adequada às novas realidades socioeconômicas e ambientais.

DEFINIÇÃO DE ECOVILAS

Existem vários autores que já procuraram conceituar o fenômeno das Ecovilas. No entanto, a literatura acadêmica internacional sobre o assunto é recente e a primeira conceituação descrita tem menos de três décadas (GILMAN, 1991; JACKSON, 1998; BRAUN, 2000; SVENSSON, 2002; DAWSON, 2006; GAIA EDUCATION, 2012; ROYSEN, 2013; GEN, 2019b).

Em 1965, o primeiro assentamento humano, que levava em consideração questões ecológicas e de espiritualidade surgiu na Escócia, conhecido como *Findhorn*. Ele é visto por vários autores como marco para o surgimento de Ecovilas, devido ao seu protagonismo e pioneirismo (JACKSON, 1998; JACKSON; JACKSON, 2004; BANG, 2005; DAWSON, 2006). Porém, é importante atentar para o fato de que as primeiras *cohousings* da Dinamarca são contemporâneas à ecovila escocesa e podem ser apontadas como sementes embrionárias desse novo conceito de vida sustentável em coletivo (DAWSON, 2006).

Entretanto, até o final da década de 1960, ainda não se discutia sobre sustentabilidade – elemento central do conceito de ecovila. Isto só ocorreria na década de 1970, quando passou a ser a pauta durante a 1ª Conferência Mundial sobre Homem e Meio Ambiente (1972) em Estocolmo, capital da Suécia (FABRI, 2015). Logo, a comunidade de *Findhorn*, em seus primeiros anos de existência, não poderia ser considerada uma ecovila. Assim sendo, somente pode-se categorizar-se como Ecovilas após a primeira menção do termo no lançamento do livro “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis” produzido por Robert e Diane Gilman, sob encomenda para a organização *Gaia Trust* em seminário temático realizado na Dinamarca em 1991 (DAWSON, 2006).

Nesse sentido, a definição de Ecovila só ganha espaço na década de 1990 e em escala global no “Encontro Internacional Ecovilas e Comunidades Sustentáveis para o século XXI” em 1995, na então Ecovila *Findhorn* na Escócia, quando reuniu cerca de 400 pessoas provenientes de 40 países distintos, fomentada por *Gaia Trust* (BANG, 2005; DAWSON, 2006; JACKSON; JACKSON, 2004; GAIA TRUST, 2019). Este encontro reiterou a posição de destaque de *Findhorn* no processo de criação de Ecovilas

e sedimentou a criação da rede de Ecovilas hoje conhecida como Rede Global de Ecovilas – GEN– organização responsável pelo cadastramento das Ecovilas ao redor do mundo. (JACKSON; JACKSON, 2004).

No entanto, a fundação *Gaia Trust* ainda existe e apoia a GEN e a organização *Gaia Education*. Estas são como braços que organizam e fomentam o fenômeno Ecovilas de acordo com seu *site* institucional (GAIA TRUST, 2019). A fundação defende sua existência como uma promotora do que se denomina “nosso sonho – a grande visão da ecovila”, que seria a união holográfica de três visões: 1. A social, 2. A ecológica e 3. A espiritual. Estes seriam os pilares para o convívio harmonioso entre os assentamentos humanos. Além disso, a *Gaia Trust* é uma instituição apoiadora do movimento de permacultura como princípio de *design* para a construção de um mundo sustentável (GAIA TRUST, 2019).

Em junho de 1996, a GEN participou da Segunda Conferência sobre Assentamentos Humanos (HABITAT II), que ocorreu em Istambul (LINDGREN, 1997) e as Ecovilas foram apontadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) como modelo de vida coletiva reconhecida entre as 100 melhores práticas sustentáveis descritas no relatório ONU-HABITAT (GEN, 2017). A tenda atraiu muitos curiosos e a presença da GEN no evento foi considerada um sucesso, pois foi possível expor ideias de diferentes convívios aos modelos seguidos na época (JACKSON; JACKSON, JACKSON 2004; JACKSON, 1998; BANG, 2005).

Ainda na década de 1990, representantes do Brasil começaram a adotar esse novo estilo de vida em comunidade. As Ecovilas brasileiras estão cadastradas à Rede Global de Ecovilas - GEN - desde 1999 via rede CASA (Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina) e, hoje, em 2019, tem pouco mais de 50 Ecovilas cadastradas na plataforma *online* (GEN, 2019a). Estima-se que existam mais de 15 mil Ecovilas ao redor do mundo e mais de 500 filiadas à rede (GEN, 2018). Desse modo, esse assunto ainda é muito recente, uma vez que o número de Ecovilas tem crescido mundialmente em escala exponencial. Em vista disso, o interesse dos pesquisadores no tema é crescente (WAGNER, 2012), porém sua literatura ainda carece de informações.

O primeiro livro que aborda o tema no Brasil foi publicado em 2001, intitulado “Desenvolvimento ao Ponto Sustentável” de Ricardo Braun (2001). Esta obra é responsável por abrir o caminho de discussão sobre as Ecovilas, tidas como comunidades

sustentáveis e seu relacionamento com a ecologia profunda, a permacultura, o dinheiro alternativo e a espiritualidade.

Portanto, através de uma busca nos artigos disponíveis em português nas plataformas *google scholar* com as palavras chaves “ecovila” e “ecoaldeia” (termo em português de Portugal, equivalente ao termo brasileiro ecovila), foi possível ratificar a contemporaneidade do tema. Fez-se uma busca pelas definições nas bases de dados, a partir da década de 1990, com as referências mais citadas. Dentro de uma narrativa histórica e linear dos autores, foi realizado um sumário das principais definições utilizadas (Quadro 1).

Quadro 1 – Definições de Ecovilas encontradas em trabalhos científicos em busca realizada em 2019.

Ano	Autoria	Definição
1991	Robert Gilman	Um assentamento de funcionalidade completa, em escala humana, onde as atividades humanas são integradas ao mundo natural de maneira inofensiva, de tal forma que apoiam o desenvolvimento humano saudável, podendo ser continuada de forma bem-sucedida e indefinida no futuro. (GILMAN; 1991, Tradução nossa)
1998	Hildur Jackson	Descreve ecovila a partir de 3 pilares: Comunidade - Ecovilas são comunidade nas quais pessoas se auto ajudam e se responsabilizam por aqueles que os cercam. Eles proveem um profundo senso de pertencimento de grupo. São pequenos para que todos se sintam empoderados, vistos e ouvidos. Pessoas são aptas a participar da tomada de decisões que afetam suas vidas e da comunidade baseada na transparência. Ecologia - Ecovilas permitem as pessoas experienciar sua conexão espiritual com a terra vida. Pessoas usufruem diariamente interação com o solo, água, vento, plantas e animais. Elas proveem para suas necessidades diárias- comida, vestimenta, abrigo - respeitando os ciclos da natureza. Espiritualidade - Ecovilas contribuem para o senso de unidade com o mundo natural. Eles promovem o reconhecimento da vida humana e da própria terra como parte do cosmos maior. (JACKSON, 1998, tradução nossa)
2002	Karin Svensson	Comunidades de pessoas que se esforçam por levar uma vida em harmonia consigo mesmas, com os outros seres e com a Terra. Seu propósito é combinar um ambiente sociocultural sustentável com um estilo de vida de baixo impacto. Enquanto nova estrutura societária, a ecovila vai além da atual dicotomia entre assentamentos rurais e urbanos: ela representa um modelo amplamente aplicável para o planejamento e reorganização dos assentamentos humanos no séc. 21. (SVENSSON, 2002, p.10)

2006	Johnathon Dawson	<p>Descreve cinco princípios de ecovilas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Eles não são projetos patrocinados pelo governo, mas iniciativas de base. ● Seu valor moradores e vida em comunidade de prática. ● Seus moradores não são excessivamente dependentes do governo, das empresas ou outras fontes centralizadas de água, comida, abrigo,
		<p>alimentação e outras necessidades básicas. Em vez disso, eles tentam fornecer estes recursos eles mesmos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Seus moradores têm um forte senso de valores, muitas vezes caracterizada em termos espirituais. ● Eles muitas vezes servem como locais de investigação e demonstração, oferecendo experiências educacionais para os outros. <p>(DAWSON, 2006, tradução nossa)</p>
2012	Gaia Education	<p>Em vez de uma definição fechada de ecovila, buscam desenvolver um currículo de design de ecovila focado em 5 pilares:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Valores da Visão de Mundo - incluem exigências de uma nova estrutura social. Estados soberanos devem decidir como querem viver uns com os outros e com a natureza de forma responsável e socialmente justa. O objetivo é a diversidade em vez de homogeneidade; e a sustentabilidade, em vez do esgotamento causado pelo estupro violento da Terra. ● Valores Sociais - incluem a participação de todos, expressando que somos uma "comunhão de sujeitos." E o direito de definir a forma como queremos viver com a natureza e entre si, como os direitos humanos e ambientais. ● Valores Ecológicos - incluem solo limpo, ar e água, abrigo e alimentos locais frescos em abundância, enquanto vivemos em um ecossistema diversificado, dentro de uma "pegada ecológica" permissível. ● Valores Econômicos - incluem economias locais sob o controle da democracia local; e a subserviência da economia à ecologia e não o contrário. (GAIA EDUCATION, 2012, p.10)
2013	Rebeca Roysen	<p>As Ecovilas são comunidades intencionais sustentáveis, isto é, são grupos de pessoas que se unem para criar um estilo de vida de baixo impacto ambiental e relações interpessoais mais cooperativas e solidárias. (ROYSEN, 2013, p. 13)</p>
2019	GEN	<p>Uma ecovila é uma comunidade intencional, tradicional ou urbana que é conscientemente projetada por meio de processos participativos de propriedade local em todas as 4 dimensões da sustentabilidade (social, cultura, ecologia, economia em todo o design de sistemas) para regenerar seu ambiente social e natural. As Ecovilas são laboratórios vivos, pioneiros em belas alternativas e soluções inovadoras. São assentamentos rurais ou urbanos com estruturas sociais vibrantes, muito diversas, porém unidas em suas ações para estilos de vida de baixo impacto e alta qualidade (GEN, 2019b, tradução nossa)</p>

Fonte: Autora, 2019.

Diante dos conceitos analisados acima, evidencia-se uma pluralidade de bases de acordo com as experiências dos autores pois todas as definições partem de base empírica. Outros dois fatores que explicam essa multiplicidade devem-se ao entendimento de cada autor sustentabilidade, à discussão ambiental em voga na época e a linha de raciocínio, mais subjetiva ou mais objetiva, adotada para construção do conceito.

Alguns autores preferem adotar uma definição no formato de único parágrafo. (GILMAN, 1991; SVENSSON, 2002; ROYSEN, 2013; GEN, 2019b) enquanto outros evitam delinear um molde e preferem adotar o conceito por diretrizes (JACKSON, 1998; DAWSON, 2006; GAIA EDUCATION, 2012). Na leitura dos conceitos de acordo com a época e autor, é possível afirmar que a sustentabilidade é o cerne do conceito e há uma estreita correlação entre o conceito de Ecovilas e o conceito de sustentabilidade. Na medida em que sustentabilidade é desenvolvida em novas dimensões, o conceito de Ecovilas é, obrigatoriamente, revisado.

Assim, a GEN, devido ao grande número de Ecovilas que congrega em sua rede, 5750 distribuídas em 114 países (GEN, 2019c), detém forte peso político na articulação global sobre Ecovilas e possui cadeira consultiva junto a ONU no *United Nations Economic and Social Council* (ECOSOC) desde 2000 (GEN, 2019d). Destarte, a partir desse *status*, a GEN tornou-se uma referência acadêmica, sendo citada em boa parte dos trabalhos publicados como se fosse o órgão oficial incumbido pelo conceito de ecovila. A GEN, de fato, preocupa-se em acompanhar as discussões e manter o conceito atualizado de ecovila em seu glossário, mas não esquadrinha Ecovila como um sistema fechado e engessado, incentivando, por meio da instituição *Gaia Education*, a exploração de um conceito dinâmico baseado em cinco dimensões de boas práticas: social, cultural, ecológica, econômica e organizacional (GAIA EDUCATION, 2012).

CONCEITO ATUALIZADO DE ECOVILAS

Para execução dessa pesquisa, reconhecemos os esforços e contribuição da GEN, no entanto, propomos uma definição delimitada do termo. Primeiramente, compreende-se que conceituar Ecovilas não deve ser encarado como uma busca por um modelo fixo, mas sim, por uma definição viva e dinâmica. Para elaboração de uma definição semântica moderna, lançamos mão de um olhar multifacetado baseado em seis elementos frequentemente associados à ecovila: território, comunidade com limitado número de

participantes, sustentabilidade, compromisso com as futuras gerações, gestão participativa e permacultura.

Desse modo, reconhecer a heterogeneidade do movimento faz parte da sua caracterização. É preciso ter em mente que a variedade de exemplo é limitada ao número de Ecovilas existentes e a inexistência de um padrão deve-se às adaptações ao ambiente natural, configuração social e avanços tecnológicos que são distintos de acordo com o espaço escolhido no tempo. Nenhuma ecovila é igual à outra, tampouco, “ecovila ideal não existe” (JACKSON; JACKSON 2004). Por isso, é mais adequado pensar numa conceituação multidimensional, ainda que limitada às seis dimensões identificadas abaixo:

Quadro 2 - As seis dimensões do conceito de ecovila.

<p>1ª. Dimensão - Comunidade intencional com número limitado de membros:</p>	<p>Trata-se de um agrupamento, por escolha, baseado em relações sociais duradouras e multiintegradas, isto é, estabelecimento em grupo de sentimento subjetivo de pertencimento com número de membros limitada às possibilidades de interação por uma questão de governança. Bauman (2003) alerta que, na modernidade líquida, o conceito de comunidade tem de ir além do clássico, e ser uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo, zelosa pelos direitos iguais. Para que isso seja verdade, é importante que os ecovileiros estejam dispostos e aptos a interagir e conhecer uns aos outros, priorizando o convívio cotidiano.</p>
<p>2ª. Dimensão - Território:</p>	<p>A existência de uma comunidade está condicionada a ocupação de um espaço mediante o compartilhamento de uma identidade, além do “espaço banal” (SANTOS, 1985). O conceito aqui utilizado é o de “território usado”, de Milton Santos. O território é o “chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence... é a base do trabalho, das trocas materiais e espirituais e da vida” (SANTOS, 2003, p. 96). Ou seja, território não está restrito ao espaço geográfico em si, mas ao o espaço humano, habitado, ocupado, compreendido. Esta é uma seara de importante compreensão pois comunidade e território são cocriadores alternando os papéis de objeto e protagonista da ação e vice-versa. Essa ocupação, todavia, é limitada, ensejando na terceira dimensão.</p>
<p>3ª. Dimensão - Sustentabilidade:</p>	<p>A diretriz de sustentabilidade é algo perene nas Ecovilas (DIAS; LOUREIRO et al.; 2017). Ela pode ser definida como qualidade do sustentável, ou seja, algo que perdura no tempo. Ao contrário do que a mídia afirma, ser sustentável não é sinônimo de preservar o ambiente, é preciso bem mais, é fundamental tomar</p>

	<p>para si o desafio de unir o bem-estar econômico, equidade social e proteção ao meio ambiente em longo prazo. De acordo com Sachs (2002), a sustentabilidade vai muito além do compromisso ambiental e perpassa pelas dimensões: social, a econômica, a ecológica, cultural, territorial. Política nacional e política internacional. Ao longo das décadas, a sociedade foi modificando sua compreensão de sustentabilidade. A prática do princípio norteador de sustentabilidade confere consciência ecológica e autonomia. Vai além do batido compromisso de preservar o ambiente e ajuda os membros de Ecovilas a tomarem para si o desafio de unir o bem-estar econômico, equidade social e proteção ao meio ambiente em perspectiva de longo prazo.</p>
<p>4ª. Dimensão - Compromisso com as futuras gerações:</p>	<p>Deriva da sensibilidade ao porvindouro, uma vez que sustentabilidade ainda tem a ver com continuidade temporal, envolve aqui à responsabilidade nas ações para com as gerações futuras como compromisso com as esferas de justiça social e cidadania. Não basta cuidar do ambiente, chegamos a tal estado de degradação que urge soluções regenerativas na tratativa do meio ambiente, urge pensar soluções de uso de materiais e recursos de forma cíclica - reuso, ao invés de linear - descartável.</p>
<p>5ª. Dimensão - Gestão participativa:</p>	<p>Ecovilas tendem a ser organizações circulares para tomada de decisão. Partindo do pressuposto que a convivência humana é conflituosa, organizações ecovileiras devem buscar contemplar os membros via participação ativa e comunicação direta, em detrimento de modelos democráticos e centralizadores de poder (SIQUEIRA, 2012). Inspirações cooperativistas e sociocratas de tomadas de decisão por consenso são bem-vindas. Cabe às Ecovilas, enquanto laboratórios vivos, estimular a inteligência coletiva e escolher o modelo que mais se adapta a sua realidade.</p>
<p>6ª. Dimensão – Permacultura:</p>	<p>A permacultura, criada na Austrália ao final dos anos 1970 por Bill Mollison, embora não apareça explicitamente em nenhuma definição, é fortemente conectada ao conceito de Ecovilas e ocupa a nossa sexta dimensão. A palavra permacultura, de acordo com Mollison e Slay (1991), significa cultura permanente, ou seja, sistema de vida sustentável em longo prazo. É uma visão ecocêntrica que trata plantas, animais e construções não como elementos isolados, mas como partes de um grande sistema intrinsecamente relacionado tendo como filosofia de trabalho “com” e não “contra a natureza” (Mollison, 1989). A permacultura contribui com suas boas práticas para a saudável existência das Ecovilas.</p>

Fonte: Autora, 2019.

Portanto, a partir da união dessas seis dimensões (Figura 3), propõe-se uma definição para a Ecovila: território formado pela soma de um espaço e um grupo de

peças em constante convivência, variável em quantidade, mas cujo contato pessoal seja possível; praticantes da permacultura, decididos a viver em coletivo por escolha, voltados a solucionar conflitos via gestão participativa, adotantes de boas práticas sustentáveis para gerir os recursos finitos e impactar o ambiente positivamente visando às próximas gerações.

Figura 3 - Seis dimensões da ecovila.



Fonte: Autora, 2019.

O QUE NÃO É ECOVILA

Nesta seção, será tratada as diferenças e semelhanças entre alguns conceitos utilizados erroneamente como sinônimos de Ecovilas. Primeiramente, são inúmeros os empreendimentos imobiliários que se auto intitulam Ecovilas. Construtoras sem consciência ambiental utilizam o termo como pura estratégia de *marketing*, no melhor estilo “consume verde sem culpa”. Basta ter em seu projeto “coleta seletiva”, ou “painéis solares” ou “extensa área verde” que os empreendimentos vendem uma imagem de “comunidade” preocupada com a natureza.

Desse modo, com podemos perceber, o termo ecovila como sinônimo de “empreendimento sustentável” é usado erroneamente e indiscriminadamente ao lado de expressões como “alto padrão”, “ótima localização” e “bairro verde” como se fosse apenas mais um atributo. Ao se apropriarem do conceito de ecovila, as empreiteiras não contribuem para a construção de uma sociedade sustentável, mas sim, acabam treinando a sociedade a comprar “sustentabilidade” como algo pronto e acessível apenas aos

abastados que podem pagar. Isso provoca nas comunidades sustentáveis uma aversão ao termo e dificulta sua identificação como Ecovilas, contribuindo ainda mais para a confusão. Um empreendimento imobiliário pode e deve ter ambições sustentáveis, mas ele nunca nasce como uma ecovila. Até que a comunidade habite o território e forme sua identidade coletiva, não passa de um empreendimento concreto, sem vida.

Em segundo lugar, Ecovilas são vistas por uma maioria da população como uma realidade paralela e inacessível, só para ricos que querem morar longe e isolados de tudo e todos. Neste sentido, as Ecovilas devem evitar a todo custo criar novos espaços de exclusão e injustiça, pois estaria indo contra fluxo da sustentabilidade que prega equidade social. Dessa maneira, por estarem imersas no sistema capitalista, as Ecovilas devem reconhecer suas limitações e necessidades de interação e devem evitar qualquer tendência ao isolamento fantasioso. É esperado de uma Ecovila, quanto agente transformador da sociedade, que interaja positivamente com a comunidade do entorno via ações diversas na difusão de ideias e práticas alternativas de sustentabilidade, sejam elas de caráter educativo, social ou empreendedor.

Em terceiro lugar, cabe um alerta para as Ecovilas espirituais. Apesar de a espiritualidade ter sido uma referência para Hildur Jackson (1998), este conceito carece de esclarecimento, pois Jackson se referia a uma espiritualidade ampla, não atrelada a religião e sim de contato com o invisível oferecido pela natureza. Sua definição anterior, que não vingou, era baseada nos quatro elementos da natureza. O fato é que, para que uma ecovila exista, é necessária uma identidade coletiva por meio do compartilhamento de valores entre seus moradores, porém ela não precisa ser necessariamente alicerçada por alguma crença ou prática religiosa. Em verdade, “Ecovilas espirituais” não passam de uma comunidade hierárquica, pois não raro veem no seu líder espiritual, a autoridade carismática capaz de deferir as decisões administrativas sem a devida prática da gestão participativa.

Por último, carece-se no Brasil de uma definição clara, se é que possível, de Ecovilas em guias de referência brasileiros como a ABNT e o Código de Obras Municipal. O termo é originalmente importado e precisa ser adaptado para nossa realidade distinta dos países de primeiro mundo. Alguns analistas acreditam que a definição nesse tipo de documento apenas contribuiria para a lógica do mercado e engessamento do termo. Porém, sabe-se que o reconhecimento do termo deve-se acessar o maior número da população se possível. É preciso reconhecer que as definições no

meio acadêmico são restritas. A definição clara do termo ecovila no Código de Obras contribuiria também no quesito fiscalização, pois limitaria a instancia municipal de beneficiar empreendimentos de grandes corporações com departamento de *marketing* que bem sabe explorar seu livre uso para fins comerciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou o surgimento do conceito de Ecovilas e, a partir de sua evolução histórica, foi mostrado sua definição, delineando seus contornos e destacando sua característica intrínseca coevolutiva de transformar-se na medida em que avançamos na compreensão do que é sustentável.

Dessa forma, poder-se-ia investigar uma possível disputa retórica entre os defensores das Ecovilas e os críticos que apontam ser o termo apenas mais uma fórmula mercantil. Nesse sentido, o conceito de Ecovilas pode ser visto como uma necessidade semântica, criada de forma a neutralizar essa visão crítica que provoca a aversão identitária de muitas comunidades.

Logo, dentro dessa mesma linha de análise do conteúdo, seria examinada de que forma o mercado imobiliário apropriou-se do termo, do qual contribuiu para essa visão crítica. Assim, seria desejável ter mais trabalhos de investigação empírica, com estudos de caso, que avaliassem com mais profundidade as seis dimensões da definição de Ecovilas. Seria também desejável ter investigações focadas na percepção do ecovileiro. Por fim, seria interessante analisar a atuação da gestão participativa *in loco* e de que forma as Ecovilas se organizam para cumprir seus acordos.

Conclui-se este trabalho indicando caminhos para futuros desenvolvimentos. De fato, por suas características, heterogeneidade e complexidade de território, o fenômeno de Ecovilas pode constituir uma trilha promissora para investigações de caráter empírico na verificação de suas seis dimensões, assim como para a realização de trabalhos de reflexão crítica.

CAPÍTULO 3

SOCIOCRAZIA S3: ESTUDO DE CASO EM UMA ECOVILA

RESUMO

Ecovila é um assunto em evidência devido à busca crescente por um modelo sustentável de assentamento humano como resposta à crise da finitude de recursos naturais. Compreender a percepção dos moradores destes espaços sobre gestão sustentável exige uma atenção especial ligada à subjetividade de sua identidade com os demais construtos, para nortear a elaboração de uma proposta de governança cooperativa e prática. Logo, esta pesquisa propôs estudar uma ecovila com o objetivo de observar os sujeitos e sua relação com a administração do espaço. Para tal, a pesquisa utilizou-se de metodologia qualitativa, de caráter exploratório, estudo de caso baseado na observação participante, entrevista semiestruturada e questionário com questões fechadas e abertas. A visita de campo foi feita na ecovila Terra Luminous (Jquitiba – SP) na terceira semana de março de 2019, para interação e preenchimento de 8 questionários e 1 entrevista em profundidade. Os moradores dessa ecovila foram questionados quanto à percepção sobre gestão, conflitos, problemas e governança. Dessa maneira, são apresentadas as conclusões da imersão: tomada de decisão estruturada na adoção do modelo de governança Sociocracia S3, com ampla aceitação e satisfação dessa prática. Espera-se a partir dessa pesquisa que as discussões sobre governança de Ecovilas sejam ampliadas, com intuito de contribuir no aprimoramento de comunidades já existentes, no desenvolvimento de casos empíricos bem como no planejamento de novas iniciativas.

Palavras-chave: governança, gestão sustentável, conflitos;

ABSTRACT

Ecovillage is a hot topic due to the growing search for a sustainable human settlement model in response to the crisis of natural resource finitude. Understanding the residents' perception of these spaces about sustainable management requires special attention linked to the subjectivity of their identity with the other constructs, to guide the elaboration of a proposal of cooperative and practical governance. Therefore, this research proposed to study an ecovillage in order to observe the subjects and their relationship with space management. For this, the research used qualitative methodology, exploratory, case study based on participant observation, semi-structured interview and questionnaire with closed and open questions. The field visit was made at Terra Luminous Ecovillage (Jquitiba - SP) in the third week of March 2019, to interact and fill out 8 questionnaires and 1 in-depth interview. Residents of this ecovillage were asked about their perceptions of management, conflict, problems and governance. Thus, the conclusions of the immersion are presented: structured decision making in the adoption of the Sociocracy S3 governance model, with wide acceptance and satisfaction of this practice. It is hoped from this research that discussions on the governance of ecovillages will be broadened, in order to contribute to the improvement of existing communities, the development of empirical cases as well as the planning of new initiatives.

Keywords: governance, sustainable management, conflicts;

INTRODUÇÃO

Desde a revolução industrial, a sociedade vem passando por profundas transformações e o meio ambiente tem sido alvo de ações extrativas antrópicas, culminando numa crise ambiental que busca atender as demandas tecnológicas do mundo moderno numa busca desenfreada pelo dito desenvolvimento econômico-produtivista (LEFF, 2010). Nessa seara, cresce a responsabilidade do homem com o meio, pois é sabido que não há decisão sem algum tipo de impacto.

Sendo assim, como os recursos são limitados, mas sua demanda é crescente, vivemos um paradoxo do consumo em que a sociedade é obrigada a buscar novas formas de combater a deterioração dos ecossistemas (FOLADORI, 2002, p.102) e garantir a experiência de vida de atuais e futuras gerações, na utilização consciente dos recursos naturais para assentamentos humanos sustentáveis (HULSMEYER, 2008). Há exemplos empíricos de Ecovilas encontrados mundo afora desde a década de 60, entre os mais famosos despontam *Findhorn* (Escócia) e *Auroville* (Índia), mas poucos são os relatos de estudos de casos.

Nesse cenário, as Ecovilas surgem como uma das múltiplas soluções possíveis para evitar a exaustão da natureza e de seus recursos. Trata-se de um modelo avançado de assentamento humano direcionado pela sustentabilidade, na contramão dos modelos de vida predominantes (BISSILOTTI, 2006). Sob o ponto de vista da ecologia política, a sustentabilidade transcorre articulação entre sociedade e natureza, na perspectiva de criar condições de equilíbrio social, empoderamento dos sujeitos e governança (CUNHA, 2002).

Desta forma, as Ecovilas diferem-se do atual contexto de vida padrão de capital acumulativo e se atentam para a valorização do capital humano (ROYSEN, 2018), pois buscam em suas práticas, adotar técnicas de bioconstrução, agroecologia, procedimentos de manejo do solo, tratamento de água e efluentes, além de outras desenvolvidas pela filosofia da permacultura (BELLEZE et al, 2017). As Ecovilas estariam despertando a atenção para novos estudos de gestão, pois, a princípio, oferecem uma autogestão descentralizada, diferenciada e pautada na participação, em contraponto à gestão tradicional com vantagens relacionadas a desburocratização. Porém o que é verificado na prática, nem sempre corresponde a esse cenário idílico.

Assim, o presente trabalho propõe-se a verificar a percepção dos moradores da ecovila Terra Luminous sobre governança e as implicações desta prática de forma qualitativa. Buscou-se identificar os diferentes níveis de participação desta ecovila na tomada de decisão e como esta, se dá na prática, bem como a gerência de conflitos gerados pelas discrepâncias de percepção e dissonâncias dentro da gestão da comunidade. A metodologia utilizada neste estudo de caso contou com ajuda de ferramentas da etnografia (observação participante, entrevista em profundidade e pesquisa documental produzida pelos sujeitos) na busca por compreender o contexto em que esses ecovileiros vivem, de forma personalizada e multifatorial, permitindo adentrar no campo de estudo e interagir diretamente com os sujeitos, tanto na condição de observador, quanto de participante (ANGROSINO, 2009).

Portanto, este estudo de caso tem por objetivo contribuir com a academia e com a sociedade quanto à discussão desse modelo apontado pela ONU, em 1996, como uma das “melhores práticas de sustentabilidade”, durante a conferência HABITAT II.

GOVERNANÇA E GESTÃO SUSTENTÁVEL DE ECOVILAS

Compreende-se por governança de Ecovilas, o modelo de direção estratégica, fundamentado nos valores e princípios da comunidade, que estabelece práticas éticas visando garantir a consecução dos objetivos sociais e assegurar a gestão da ecovila de modo sustentável em consonância com os interesses dos ecovileiros. A função da governança é constituir normas, regras, autonomia e limites de funcionamento da organização na medida em que a gestão está focada no nível gerencial de ações. A função da governança, portanto, não é gerir, mas estruturar a gestão (ROTH 2012). No caso das Ecovilas, a governança existe para instrumentalizar a gestão voltada para sustentabilidade.

De acordo com Luck (1996, p. 37) o entendimento do conceito de gestão já implica, em si, a ideia de participação pelo agir em conjunto. Mas a gestão participativa exige mais que decidir em grupo. Por isso a gestão social praticada nas Ecovilas compartilha valores em comum e distribui funções descentralizadas, interdependentes e integradas, próprias para empoderar o sujeito sem perder o foco no bem-estar coletivo.

De acordo com Gabriel Siqueira (2012), pesquisador brasileiro que realizou o primeiro estudo etnográfico em português em uma ecovila no Sul da Bahia, ele constatou

a existência de tensão e hierarquia velada na gestão, com concentração de poder nas lideranças espirituais. Em sua pesquisa, apontou como resolução no que tange aos processos organizacionais de gestão de Ecovilas, a adoção de um modelo racional de governança para a gestão que contemple valores e objetivos, hierarquia e liderança, divisão de trabalho, normas e controle regidos pela razão instrumental.

Para Flores e Trevizan (2018, p. 464), em pesquisa na mesma ecovila, corroboraram com o parecer ao identificar dificuldades nas relações sociais decorrentes de divergências ideológicas internas e da percepção da existência de disparidade de informações e diferentes impressões sobre gestão e governança. Diante desse contexto, as Ecovilas são desafiadas a construir uma gestão sustentável pautada no equilíbrio entre as vontades particulares e coletivas, capaz de minimizar a insatisfação do indivíduo e maximizar o engajamento do grupo, evitando conflitos desnecessários e estruturas de poder dissimuladas, comuns às organizações hierárquicas tradicionais.

Dessa maneira, como se distinguem das empresas por conta do seu foco social, não são passíveis de adotar um molde de governança pré-existente. Por isso, a definição de governança corporativa da Comissão de Valores Mobiliários – CVM como um “conjunto de práticas que tem por finalidade otimizar o desempenho de uma companhia ao proteger todas as partes interessadas, tais como investidores, empregados e credores, facilitando o acesso ao capital”, (CVM, 2012, p. 1), por exemplo, não se aplica. Para Ecovilas é preciso pensar uma governança que exige participação viva e focada no capital humano. Por isso, para efeitos desse estudo, adaptou-se o conceito de governança cooperativa fornecido pela Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB (2016) como ponto de partida para construção dessa nova prática.

De acordo com Roysen (2017) em seu estudo de caso sobre a ecovila Comunidade Andorinha retomou a questão de conflitos internos e hierarquia implícita das castas em que ocupam os ecovileiros e acrescentou a dimensão da necessidade de mudança comportamental. Ela reporta ainda a inabilidade de resolver esses conflitos por uma dificuldade do grupo de aderir à mudança cultural que o trabalhar cooperado exige, tanto no nível pessoal, quanto coletivo. Ao se tornar um ecovileiro, o membro precisa passar “por um processo em que precisa se distanciar do estilo de vida individual e consumista e aprender a estar em um projeto coletivo” (Roysen 2017, p.7), além de adotar novos valores ecológicos e de coletividade.

Dessa maneira, para ser sustentável, a ecovila precisa ser solidária e reforçar e encorajar as práticas criadas em torno da sustentabilidade e colaborar com o sentimento de pertencimento e identidade do grupo e isto não se consegue do dia para noite. É preciso compreender que essa mudança cultural envolve valores compartilhados e carece tempo para sustentar tal mudança de ritmo gradual.

Entretanto, sem necessariamente concordar com Siqueira (2012) ou Roysen (2017), mas compreendendo que a controvérsia é importante do ponto de vista da gestão por apontar novas visões e, portanto, novos caminhos, essa pesquisa prezou por não subestimar o lado particular da percepção dos moradores de Ecovilas, quanto à gestão e governança, e, via pesquisa de campo, compreender como eles encaram os conflitos inerentes do convívio em comunidade e a estruturação organizacional utilizada para tomar decisões sustentáveis.

Assim, na ecovila Terra Luminous (Juquitiba - SP), campo de pesquisa desse estudo, os ecovileiros são pioneiros no Brasil na adoção da sociocracia S3 como modelo de governança e, por isso, já percorreram uma curva de aprendizagem no processo. Essa modalidade, S3, também conhecida como governança dinâmica, conta com uma série de ferramentas que promovem a gestão participativa e propõe que todas as decisões sejam coletivas, e unânimes, via rodada de consentimento. A sociocracia S3 descentraliza a gestão e compartilha responsabilidades no momento em que se transforma em um processo de tomada de decisão de maneira dialógica com a participação de todos os agentes da ecovila, do qual será abordado com mais detalhes, neste artigo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia de pesquisa escolhida para realização foi o estudo de caso de inspiração etnográfica. Esquadrinhou-se um método capaz de abarcar a profundidade exigida pelo objeto ecovila e sua especificidade em sensatez com o tempo limitado da pesquisa de campo. Trata-se, portanto, de um estudo aplicado, pois visa descobrir oportunidades ligadas à relação da identidade com os demais construtos, e descritivo, pois analisa a relação destes sobre a percepção dos sujeitos (COOPER; SCHINDLER, 2011) - moradores de Ecovilas (ecovileiro/ecovilenses) - sobre a gestão sustentável. Assim, este trabalho guiado por abordagem quali-quantitativa, tratando a subjetividade

através de entrevistas, utilizando questionários, de forma ágil e anônima, por amostra intencional, não probabilística.

Dessa maneira, a maior parte da coleta de dados ocorreu a partir da terceira semana de março de 2019 e pode ser dividida em três etapas: (1) observação participante, (2) questionários e (3) de entrevista em profundidade. Essa fase de coleta de dados foi realizada durante todo o tempo de estada na ecovila por meio da participação das reuniões, do trabalho voluntário e das atividades de programação da ecovila, e complementada por pesquisa documental (etapa 4), posterior à visita de campo. Essas técnicas não seguem padrões rígidos e se desenvolvem a partir da realidade e dinâmica do contexto de pesquisa (MATTOS, 2011).

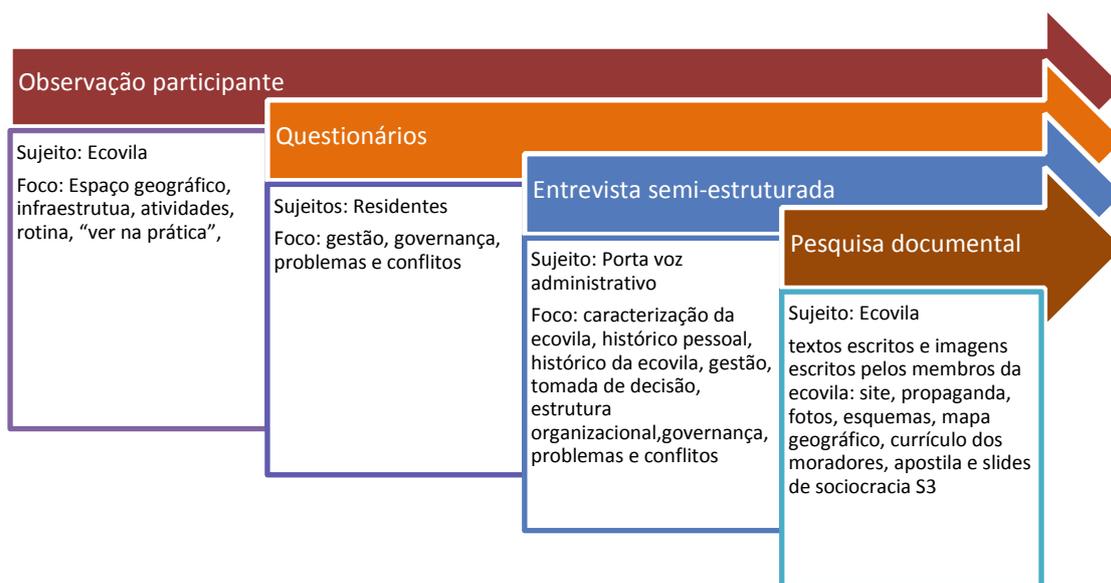
No entanto, com relação à entrevista, justamente por ser um instrumento que estimula o fluxo natural de informações por parte do entrevistado, contou com um roteiro semiestruturado (Apêndice 3), portanto, não rígido, permeado com perguntas pertinentes à caracterização, histórico, gestão e governança, preparado previamente para ser o elemento facilitador da interação social.

A construção do roteiro da entrevista, ou do “tópico-guia”, como chama Bauer e Gaskell (2002, p.66) baseou-se nas questões de aprofundamento do questionário guia, sendo adaptado durante a entrevista ao ser acrescido perguntas de detalhamento do funcionamento da ecovila conectadas às respostas fornecidas pelo entrevistado, no caso, o professor co-fundador Rafael Pereira. Posteriormente, foi realizada a transcrição das três etapas da entrevista para captar a experiência a partir de um olhar mais imparcial, ao ouvir a gravação.

Assim, essa pesquisa teve um prévio planejamento na elaboração de um questionário (Apêndice 4) com objetivo de captar a percepção dos ecovileiros, não só da ecovila Terra Luminous, objeto desse estudo, mas pensado para outras ecovilas e pesquisadores que queiram um ponto de partida para entender a estrutura organizacional. O questionário (Apêndice 4) contém 33 (trinta e três) perguntas que intuía captar a percepção dos ecovileiros acerca da governança da ecovila.

Por fim, a pesquisa documental tornou-se indispensável para complementar informações que não foram obtidas na imersão em função da limitação de tempo. A análise documental, como quarta etapa, auxiliou na validação das informações obtidas. Cada uma dessas quatro etapas contribuiu com focos diferentes para caracterizar o caso conforme o esquema 1.

Esquema 1 - Esquema metodológico da coleta de dados da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa

Para aplicação da entrevista em profundidade e questionários, foi adotada a técnica de amostragem intencional, também chamada de amostragem por julgamento. Esta técnica parte do grupo de amostragens não probabilísticas e exige a maior participação por parte do pesquisador, que deve ter grande conhecimento da população para escolher os elementos representativos que irão compor a amostra (STEVENSON, p. 166, 1981). Assim, aplicando sua experiência, escolhe as pessoas a serem incluídas na amostra por considerá-las representativas da população de interesse, ou apropriadas por fornecerem informações mais precisas (COOPER; SCHINDLER, 2011, p.362). A principal vantagem desse tipo de amostragem é a economia de tempo e de recursos financeiros e materiais (OLIVEIRA, 2001).

Os critérios para ser respondente do questionário são: ser adulto, considerado residente, com capacidade de ler e responder presencialmente o questionário, concordar e assinar o termo livre de consentimento. Em março de 2019, a ecovila contava com 10 (dez) moradores fixos, todos se enquadravam no critério, porém somente oito encontravam-se na ecovila para responder presencialmente. Na época, o espaço contava com dois voluntários de curto prazo que não participaram da pesquisa justamente por habitarem o território por um período menor que quatro meses – período mínimo estipulado pela ecovila Terra Luminous para ser considerado residente.

Antes do início da aplicação foi explicado ao entrevistado sobre a pesquisa e seus objetivos, sendo entregue ao entrevistado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 5). Após a assinatura do TCLE, era explicado à pessoa abordada, que a finalidade de responder o questionário era auxiliar a pesquisadora a identificar os problemas relacionados à gestão, bem como o conhecimento sobre o tema governança e sociocracia do participante, do qual ele tinha direito a complementar as respostas, mesmo fechadas, expressando suas opiniões e expectativas.

Os questionários foram aplicados mediante convite aos envolvidos que agendavam o melhor horário para responder com calma em suas próprias casas ou em espaço em comum da ecovila conforme lhe aprouvesse. As respostas passaram pelo processo de análise do conteúdo para categorização dos dados, classificando elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e reagrupamento, associando temas em comuns aos elementos avaliados (BARDIN, 2016), permitindo a consolidação das informações obtidas.

Em nenhum momento, os oito membros moradores do espaço hesitaram em responder o questionário, alguns apenas estranharam o termo ecovileiros para designar moradores de ecovila e pediram para ser chamados de guardiões. Essa adesão unânime, ao que foi percebido, foi acordada entre eles antes mesmo da visita da pesquisadora, uma vez que todas as decisões que afetam o coletivo são tratadas em reunião e decididas via consentimento, isto é, ausência de objeções, conforme acordo de governança sociocrática.

Os questionários foram aplicados após uma breve introdução à rotina da ecovila, com no máximo de 3 perguntas por dia, deixando a entrevista com o porta-voz do núcleo de governança para o último dia, pois esta demandaria mais tempo em função das perguntas serem todas abertas. Cada questionário levou cerca de 10 e 40 minutos para preenchimento, com as respostas fornecidas via formulário impresso e a entrevista semiestruturada com o guardião Rafael Oliveira que levou cerca de uma hora, sendo esta gravada por aplicativo de celular para posterior transcrição.

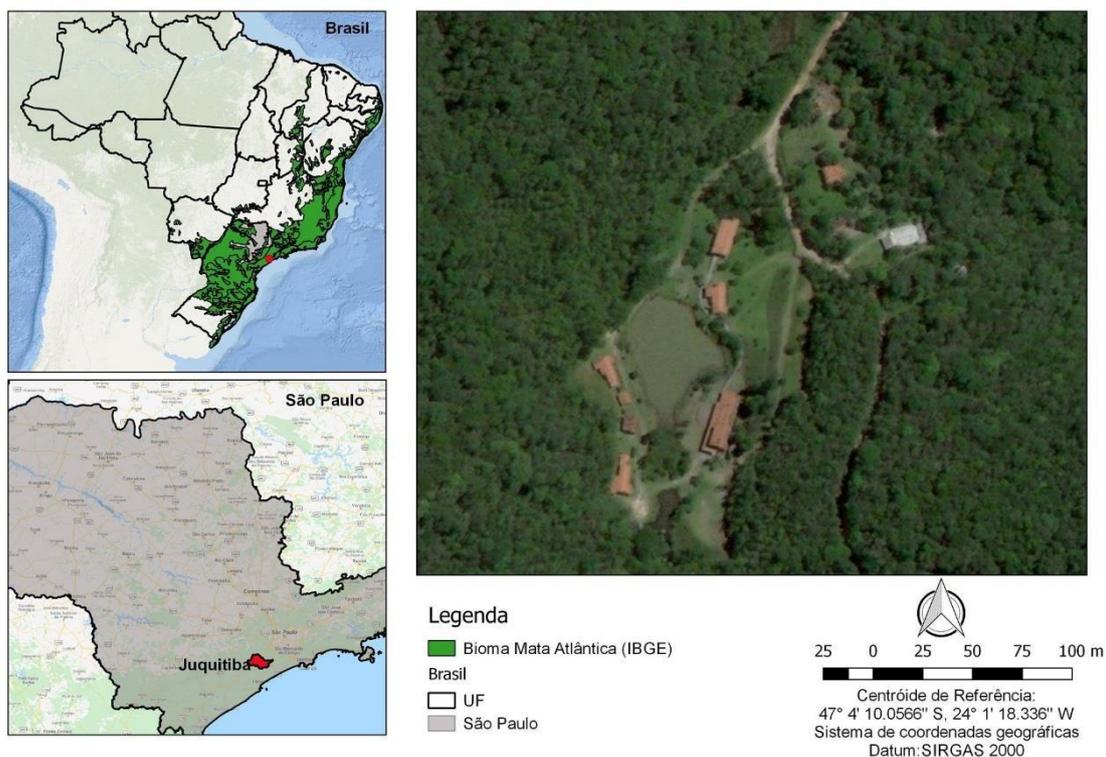
Assim, na ocasião da coleta de dados, todos os pontos da ecovila foram visitados e o material coletado inclui notas de campo, 8(oito) questionários respondidos, 1(uma) entrevista em profundidade com transcrição, fotografias, relatos informais, anotações de campo e documentos fornecidos pelo grupo, em especial sobre sociocracia S3.

CARACTERIZAÇÃO DA ECOVILA TERRA LUMINOUS

O presente estudo de caso foi realizado na ecovila Terra Luminous, localizada em Sítio das Águas, município de Juquitiba, estado de São Paulo, há 70 quilômetros da capital paulista. Possui 35 hectares de Mata Atlântica (Figura 4), na zona de amortecimento do Parque Estadual da Serra do Mar (Núcleo Curucutu), dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) da Bacia Hidrográfica do Vale do Ribeira, criada em 1984 pelo Governo do Estado de São Paulo, cujas florestas abrigam espécies da fauna e flora com risco de extinção (TERRA LUMINOUS, 2019).

Área de Preservação Ambiental da Serra do Mar, na zona de Amortecimento do Parque Estadual e em Área de Proteção de Mananciais. Nesta região, encontram-se afluentes dos Rios São Lourenço e Juquiá, que compõem a bacia hidrográfica do Rio Ribeira, dispendo a maior disponibilidade de água per capita do estado de São Paulo. A preservação dessa área é fundamental para o abastecimento de água e a manutenção do microclima da região metropolitana de São Paulo.

Figura 4 - Mapa de localização da Ecovila Terra Luminous em relação a capital São Paulo



Fonte: Dados da pesquisa.

O terreno da Ecovila Terra Luminous foi adquirido em 2012. De acordo com o co-fundador Rafael Oliveira, a definição atual para a ecovila é “um laboratório onde possa ser experimentado o viver em comunidade aliado à sustentabilidade ambiental, criando condições para que se possa conviver bem com o meio ambiente, também”. Diante da mesma vontade, inicialmente, um grupo de pessoas da mesma família adquiriu o terreno para moradia em local ermo e bucólico e diante das mudanças, deste grupo inicial, somente uma pessoa ainda vive na ecovila. Nessa época ainda não existia o projeto ecovila, que veio a nascer quanto projeto de identidade do espaço somente em 2015, marcado pela transição de empreendimento familiar para social. Essa transição teve como marco o primeiro laboratório “ComUnidade” em que um grupo simulou a vida em comunidade e dessa projeção, o projeto se tornou realidade.

A ecovila se destaca das demais, por contar com o instituto, cujo objetivo é proteger um dos últimos trechos remanescentes de Mata Atlântica do Brasil e prestar atividade de educação ambiental na condição de laboratório de desenvolvimento de práticas permaculturais. Realizado em módulos, por projeto ou atividades de bioconstrução (técnicas com bambu), plantio agroflorestal, agricultura orgânica e manejo de hortas, compostagem dos resíduos orgânicos, tratamento ecológico das águas (bacia de evotranspiração, biodigestores e reutilização de águas cinzas) e construção de viveiro de mudas (TERRA LUMINOUS, 2019). A Ecovila dispõe de cozinha coletiva, um espaço de convivência com mesas de refeição, lareira e biblioteca, sala para reuniões e workshops, espaço para vivências espirituais, salão de meditação, escritório e sala de reuniões com internet, lagos, nascentes, trilhas, tenda de suor, três edificações para receber visitantes, três casas para moradores residentes, uma casa para residentes voluntariados, viveiro, sala de massagem e oficina de marcenaria.

É no grande salão de refeições apelidado Grão que os residentes e voluntários do Terra Luminous servem café da manhã e almoço compartilhados e desfrutam da companhia dos demais. Esse mesmo salão é utilizado para inúmeras atividades e funciona como central de convivência do espaço. Entre as atividades previstas na programação, é possível participar da meditação matinal, *yoga*, trilhas, treinamentos e celebrações. Ainda se observou no espaço de convivência, principalmente na zona de entretenimento, biblioteca, lareira e jogos em grupo. Os carros e as casas também são compartilhados.

As águas cinzas são tratadas utilizando técnica do anel de bananeiras, que é apropriada para destinação de águas provenientes da cozinha, banhos e lavagem de roupas. Há um lago que cerca a residência central da ecovila, que é ponto de encontro, reuniões e assembleias entre a comunidade. Uma das técnicas mais observadas na região dessa casa central é que ela foi construída de alvenaria, mas nos novos espaços, a bioconstrução está sendo aplicada. Atualmente, a zona residencial não é prioridade no que diz respeito à construção do espaço, visto que ainda contam com espaços a serem preenchidos por possíveis novos moradores.

No entanto, existe um desejo coletivo da comunidade de abrigar até 100 pessoas, priorizando indivíduos que tragam algum conhecimento técnico para o crescimento do assentamento. A reduzida quantidade de moradores frente ao tamanho dos espaços obriga a contratação esporádica de profissionais para limpeza e manutenção. A ecovila tem sua área de construção e transformação limitada pelo projeto de corredor ecológico definido pelo Instituto Terra Luminous. Somente há dois cachorros no espaço além de animais silvestres. Não há interesse momentâneo da comunidade em criar animais para consumo.

Logo, entre as atividades oferecidas pela ecovila aos seus residentes estão: acolhimento de cursos, retiros e vivências, programas de voluntariado, projetos socioambientais do instituto, agricultura orgânica, pesquisa de óleos essenciais, ativismo político para vida em ecovila e consumo consciente, além de sociocracia. Destes, a promoção de cursos, retiros e vivências e projetos socioambientais consistem na fonte de renda maior da ecovila.

De modo geral, todos os ecovileiros responderam no questionário que se interessam pelo assunto de governança, atribuindo muita importância ao tema, e estão satisfeitos como a comunidade é administrada. Existe um reconhecimento de que a gestão conta com credibilidade, é transparente, presta contas com regularidade, é realizada a partir de uma comunicação ativa que preserva, de fato, a biodiversidade e prioriza a sustentabilidade. Mas existe uma reclamação, por parte de todos, sobre o tempo individual que é exigido para realização dessas reuniões de alinhamento e decisões que costumam ser semanais. Os residentes confessam que ainda necessitam encontrar uma forma de consulta pública ou outro meio para difundir as informações mais rapidamente e acelerar o tempo das reuniões. Ou seja, o próprio modelo de gestão de conflitos gera o conflito mais ressaltado nos questionários. Isto posto, devido a adoção do modelo de sociocracia como modelo de governança, a gestão pode ser considerada circular num

aspecto geral e todos acabam por ter peso e participação nas decisões financeiras e administrativas, mas nem todos fazem questão de ter esse papel, pois entendem que é parte do modelo que compartilha responsabilidade das decisões entre todos. Isso não chega a ser um problema, pois aqueles que gostam mais das atividades financeiras dedicam-se mais tempo a isso, assim como os que desejam estar mais envolvidos com as atividades agrícolas.

Todavia, nem tudo são flores no modelo sociocrático. Uma reclamação unânime, foi a extensão delongada das reuniões obrigatórias. Essas reuniões, em regra semanais, acabam se alongando por causa dos processos de tomada de decisão onde todos têm que estar a par, ao menos de forma introdutória, de tudo que acontece e essa informação é compartilhada, oralmente, na mesma reunião, de forma a evitar ruídos provenientes de “rádio peão”. Isso também contribui com a equivalência prezada pela Sociocracia e a rotatividade de papéis. Não existem bolhas de informação nesse modelo. Tudo é referenciado e tudo pode ser consultado de acordo com genuíno e manifesto interesse. Logo, o aparente paradoxo do conflito de lentidão trazido pela adoção do modelo de resolução de conflitos apregoado pela sociocracia, em verdade é um conflito de comunicação que precisa de meios mais ágeis de difusão, por igual, de informação, contemplando os princípios de equivalência e transparência na Sociocracia.

Desse modo, nem todos conseguem relacionar diretamente a palavra gestão à sustentabilidade, mas todos compartilham da visão da ecovila de conviver harmonicamente com a natureza, frase que foi repetida várias vezes em diferentes questionários. De acordo com Rafael Oliveira, a visão do Terra Luminous consiste em:

A visão é viver essa experiência e a partir dela compartilhar. O que a gente quer ser é um espaço que acolhe pessoas em busca de autoconhecimento, criando as condições para que as pessoas possam viver essas experiências e ser um espaço onde a gente pode colocar as nossas potências, as nossas habilidades como terapeutas, aglofloresteiros, ecologistas, a serviço da vida. Então a serviço dos outros e do meio ambiente. E tudo isso nesse processo de cooperação, vivendo juntos e compartilhando riscos, alegrias e tristezas e respeitando muito o tempo de cada um. (Entrevistado Rafael Oliveira)

Nas respostas dos questionários, as palavras auto responsabilidade e engajamento foram duas palavras que chamaram atenção ao se repetir comprovando que existe uma preocupação real de envolvimento de todos em tudo o que se passa na ecovila. Além da morosidade, destaca-se entre os principais problemas enfrentados na ecovila, a transitividade de membros. A saída de integrantes deu-se, primordialmente, pela

divergência de ideias quanto ao futuro objetivo da ecovila e, mais precisamente, às decisões envolvidas nesse caminho. Essas divergências atingem quase todas as áreas, indo desde a questão espiritual até a alimentação. A divergência é esperada, mas junto a ela, a confiança de que a voz será ouvida.

Na medida em que a ecovila vai ganhando identidade, percebe-se que algumas discussões que foram fervorosas no passado, até podem voltar, mas não com a mesma intensidade. A alimentação que hoje é vegetariana, com muitos pratos de inspiração vegana, não deve ser modificada em um curto prazo de tempo, por exemplo. Entendendo ser uma ecovila um campo de experimentação, os testes são bem-vindos, mas uma busca por estabilidade nas decisões já tomadas também deve ser observada de forma que a famosa harmonia almejada por todos não seja ameaçada.

Não obstante, Rafael explica que a ecovila conta com recursos próprios e que não possui nenhuma parceria com órgão público ou privado, e que o fechamento das contas, sem lucro, é feito recentemente. Antes, as contas fechavam no vermelho e precisavam de novos aportes dos moradores, esse era um motivo de conflito. As contas passaram a fechar positivamente, após a estruturação do hotel que recebe os visitantes e as vivências que o espaço oferece.

O conflito relacionado à presença de voluntários é baixo, quase nulo, uma vez que eles iniciam com acordo de 7(sete) dias, renovável por prazo ilimitado. Quando um voluntário não respeita os acordos, ele é desligado do programa. Normalmente, os voluntários trabalham 6(seis) horas diárias, 6(seis) dias na semana e folgam um. O voluntário faz uma pequena contribuição financeira, que contribui nas despesas de alimentação, em contrapartida recebe moradia e a possibilidade de aprender diversas técnicas de boas práticas de Ecovilas, presencialmente. Estudantes são bem-vindos como voluntários, pois é entendido que há uma troca de saberes benevolente para o crescimento da ecovila que pode ser considerada uma universidade viva e precisa de constantes aportes de energia e mão de obra qualificada. Entre os residentes, constam as seguintes profissões: bioquímico, psicólogo, terapeuta, gestor, artista, educador ambiental, gastrônomo, técnico em agroecologia e técnico em bioconstrução.

A principal razão indicada pelos membros da mudança para uma ecovila foi logístico e geográfico, estar próximo da capital São Paulo e viver próximo à natureza, e nenhum deles indicou qualquer desejo de querer se desligar, durante a pesquisa. Os fatores psicológico e emocional são apontados como motivos para decisão de viver em

comunidade. No momento só é possível dar entrada como membro da ecovila após período de avaliação no programa de voluntariado.

Hoje o que nos interessa é crescer de uma forma bem orgânica. Por isso hoje o que nos interessa é o programa do voluntariado. O caminho de entrada é a pessoa vir e ter uma experiência com a gente. Porque são essas pessoas que viveram essa experiência aquelas que a gente consegue construir laços mais verdadeiros e que perduram por mais tempo. (Entrevistado Rafael Oliveira)

Os guardiões não hesitaram em expor os conflitos enfrentados pela ecovila durante a pesquisa. Os moradores acreditam de fato que os conflitos devem ser bem acolhidos para que o grupo possa acionar a inteligência coletiva com o objetivo de solucionar as demandas da forma mais eficaz, sempre priorizando a sustentabilidade. Por se tratar de uma ecovila de poucos moradores, é possível verificar uma interação diária entre todos os membros e uma predominância de valores compartilhados como cooperação, consumo ético, respeito à natureza e a diversidade e zelo pela simplicidade, além de uma constante busca pelo autoconhecimento. A busca por entender os discursos e termos específicos utilizados pelo grupo levou a realização de um curso de Sociocracia ofertado pelo professor Rafael Oliveira para aprofundamento do tema durante a estada da pesquisadora, para o qual foi convidada a participar.

No entanto, é importante compreender que não existe vida em comunidade sem conflitos. Logo, é preciso encarar os conflitos como inerentes da gestão de uma ecovila e encontrar meios de identificá-los no seu início, para que não se tornem problemas, ou seja, ganhem uma dimensão e peso maiores. O grande diferencial desta ecovila é, sem dúvida, a sociocracia adotado como modelo de gestão e resolução de conflitos. Muitas são as comunidades que aspiram esse modelo, mas poucas são as Ecovilas que o aplicam com competência.

Portanto, a presença entre os residentes de dois professores eméritos do assunto – Rafael Pereira e Fabiana Lima – sem dúvidas, facilita a adoção e atualização frequente desse tipo de governança. O engajamento dos residentes, também, é um fator positivo que contribui para a governança. Na experiência de imersão foi possível ter não só um primeiro contato com esse modelo, mas também todo um aprendizado sobre sociocracia S3 absorvido durante o curso ofertado pelo professor Rafael Oliveira. A sociocracia S3 será explanada na sequência em teoria e como é aplicada na resolução de conflitos na Terra Luminous de acordo com a imersão desta pesquisa de campo. Devido a sua adaptabilidade, a metodologia S3 de governança pode ser aplicada de formas distintas em organizações diferentes.

SOCIOCRACIA S3 NA TEORIA E NA PRÁTICA

*Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.* (Paulo Freire)

A sociocracia clássica nasceu na entrada da década de 1970 quando Gerard Endenburg, ex-aluno do professor de Kees Boeke, responsável pela primeira utilização do termo para fins de organização social, aplicou os princípios Boeke na companhia de engenharia elétrica que gerenciava. Depois de 35(trinta e cinco) anos de experimentação, Edenburg, então, não mais empregado, mas dono da companhia, formalizou o método organizacional com a criação da *Sociocratic Circle-Organization Method* - SCM, que detém os direitos sobre a metodologia até hoje (EDENBURG, 1998).

Essa metodologia foi criada a partir dos quatro princípios fundamentais da governança corporativa clássica: transparência, equidade, prestação de contas e responsabilidade corporativa; e aplicada de forma prática pela primeira vez em uma escola holandesa por Kees Boeke utilizando o conceito descrito por Lester Frank Ward de sociocracia². Para tornar a Sociocracia prática Boeke se inspirou no grupo religioso Quakers e definiu três regras para tomadas de decisão: 1) os interesses de todos os membros devem ser considerados, porém, o indivíduo deve se submeter aos interesses do coletivo; 2) as soluções devem ser procuradas de forma que todos possam aceitar: de outra forma, não poderá haver ação; 3) todos os membros devem estar preparados para agir de acordo com estes acordos. Sem acordo, o grupo fica condenado à inatividade. Caso o grupo não aceite a inatividade, este deve reformular a proposta até chegar num acordo.

A Sociocracia de Edenburg é hoje difundida pela organização *The Sociocracy Consulting Group* como um processo de design de sistemas integrados para tomada de decisão, governança organizacional e ação. Também é um sistema de redesenho organizacional e um sistema de gestão de projetos. De acordo com o grupo, a Sociocracia

² Termo cunhado pela primeira vez em 1851 pelo filósofo positivista Augusto Comte. De acordo com Comte, a Sociocracia é um sistema de governo baseado em decisões tomadas levando em consideração a opinião de indivíduos iguais integrantes de uma estrutura organizacional. Sociocracia literalmente significa governo pelos 'sócios', pessoas que tem uma relação social umas com as outras.

possibilita que uma organização gereencie a si mesma de forma holística e orgânica garantindo a soberania na gestão da organização. Ainda de acordo com a organização, a Sociocracia investe o poder no “*socius*”³ – pessoas para legitimar as decisões por meio da interação um com outro. O modelo sociocrático não é tão simples quanto pode parecer e precisa de treinamento para ser colocado em prática. Sua metodologia está descrita de forma sucinta no Manual de Referência do Treinamento dos Fundamentos de Sociocracia (THE SOCIOCRACY CONSULTING GROUP, 2014). Basicamente, a metodologia se apoia em 4(quatro) regras básicas de acordo com o quadro 3:

Quadro 3 - Regras básicas da sociocracia S3.

Círculos	<ul style="list-style-type: none"> • Define pessoas e tema sobre o qual vai versar a tomada de decisões. Os círculos se autogerenciam e se autocontrolam, possuindo a autoridade e os meios para cumprir seus objetivos. Os círculos podem ter objetivos mais gerais ou mais específicos. Cada pessoa dentro da organização pode desempenhar várias funções em diferentes círculos e em diferentes níveis. Todos os membros participam da tomada de decisões dentro do seu nível e têm acesso igual às informações
Tomada de decisão por consentimento	<ul style="list-style-type: none"> • Consentimento é sinônimo de nenhuma objeção foi expressa A tomada de decisão participativa é via discussão aberta com base em argumento e por consentimento, via acordo por escrito. Assegura que todos participem em igualdade da decisão e que o critério básico seja o argumento.
Eleição por consentimento	<ul style="list-style-type: none"> • Os representantes são sempre nomeados de forma ágil dentro do círculo e nunca fora, em contraponto a sociocracia clássica que elegia os representantes.
Elo duplo	<ul style="list-style-type: none"> • Assegura que as decisões nos círculos sejam tomadas de forma participativa com representantes do nível imediatamente inferior. Assim garante o compartilhamento de poder e evita conflitos estruturais de hierarquia. O desenho dos círculos foi projetado para organizar e coordenar processos de trabalho, tomar decisões políticas e aprender sobre a eficácia das decisões tomadas.

Fonte: Oliveira, 2019, notas de aula.

Todos dados de uma organização sociocrática, exceto informações de propriedade ou segurança, são abertos para *stakeholders*⁴, pois boas decisões exigem informações completas. De forma bastante resumida (Esquema 2), além destas 4(quatro) regras, na apostila oficial do grupo de sociocracia, estão pautados 3(três) valores norteadores para a prática da Sociocracia Clássica:

³ Parceiro em latim

⁴ *Stakeholders* podem ser pessoas, áreas, organizações, entidades que estão interessadas direta ou indiretamente em um projeto ou objeto.

Esquema 2 - Princípios norteadores da Sociocracia Clássica.



Fonte: Adaptado de The Sociocracy Consulting Group, 2014, p.4.

Focados em reduzir a burocracia da Sociocracia Clássica, James Priest, Lili David e Bernhard Bockelbrink se reuniram e, em meados de 2015, agilizaram a metodologia a batizando de “Sociocracia 3.0”. A escolha do nome buscou homenagear a origem da linhagem promovida pelo grupo fundado em Edimburgo e o Método Sociocrático.

Priorizando o essencial, a Sociocracia 3.0 ou S3 é uma evolução da Sociocracia clássica com um framework aberto e ágil organizado a partir de um guia prático de livre distribuição. Suas atualizações são realizadas pelos próprios usuários e divulgadas nas plataformas online⁵, além de contar com grupo de discussão e troca de saberes aberto dentro da rede social facebook. O movimento S3 fornece material de apoio sob a licença “Creative Commons Free Culture”⁶, isto é, livre para uso pessoal, para uso no trabalho com ou sem fins comerciais, para reprodução, tradução, reinterpretação e demais formas de compartilhamento.

⁵ www.sociocracy30.org e www.sociocracyforall.org

⁶ Permite usar o trabalho e aproveitar os benefícios de usá-lo, estudar o trabalho e aplicar o conhecimento adquirido, fazer e redistribuir cópias, no todo ou em parte, da informação ou expressão e fazer alterações e melhorias e distribuir trabalhos derivados.

A S3 propõe um conjunto de padrões e processos que podem ser adaptados para cada organização. Uma das grandes diferenças consiste em que, na S3, não há eleição de pessoas para preencher papéis, em seu lugar é feita apenas a nomeação com uma ligeira justificativa. Para que as reuniões solucionem os conflitos, é de suma importância que o facilitador assuma o papel de líder que cria um fluxo para o encontro buscando acolher as pessoas e conectá-las.

Para que as tensões possam ir se dissolvendo, o facilitador usa de recursos que todos possam ser ouvidos sem delongar a reclamação, alguns recursos como realizar a reunião em pé é válido pois o objetivo não é criar um grupo de terapia, e sim, resolver o que precisa ser resolvido, por consentimento. Por essa razão, o tempo de feedback é sempre cronometrado pelo facilitador. Uma boa definição para o facilitador seria o ente responsável por organizar o fluxo de caos criativo e inteligência coletiva. Um bom facilitador conta com experiência e também pode lançar mão de algumas ferramentas como *dragon dreaming*⁷, *design thinking*⁸, holocracia⁹, pedagogia da cooperação¹⁰ e até mesmo constelação sistêmica¹¹ para evitar estresse ou clima de competição. Nesse tipo de reunião sociocrática a diferença deve ser sempre bem-vinda, já a disputa, não, pois para a sociocracia, a cooperação é o único modelo de relação ganha-ganha¹².

Rafael Oliveira conta que em 2014, a australiana Gina Price e a americana Diane Leaf Christian, fizeram uma série de oficinas no Brasil. Nessa época, um dos cursos foi ofertado na ecovila Terra Luminous com a Gina Price e a Tanya Stergiou e Rafael teve a oportunidade de participar da primeira rodada de cursos feitos no Brasil sobre sociocracia clássica. Rafael conta que se sentiu caindo de paraquedas num mundo novo. Coincidiu de o curso ser contemporâneo à sua uma licença de 3(três) anos do trabalho público. Nessa época, ainda não morava no Terra Luminous, frequentava, morava em Brasília e fazia parte do Instituto Brasileiro do Cerrado e tinha acabado de ser eleito o

⁷ Metodologia para desenhar e realizar projetos criativos, colaborativos e sustentáveis com alto engajamento dos participantes que tem como base três princípios: a expansão do senso comunitário, o crescimento pessoal e serviço à Terra.

⁸ É o conjunto de ideias e *insights* para abordar problemas, relacionados a futuras aquisições de informações, análise de conhecimento e propostas de soluções.

⁹ Sistema organizacional onde a autoridade e a tomada de decisão é distribuída a uma holarquia de grupos auto organizados, abrindo mão, assim, da corrente hierarquia vigente

¹⁰ Sistema composto por princípios, processos, práticas e procedimentos orientados por um propósito de instaurar uma cultura cooperativa nas relações humanas em que cada pessoa é considerada um mestre aprendiz.

¹¹ Técnica psicoterapêutica fenomenológica, sistêmica, não empirista ou subjetiva, desenvolvida pelo psicólogo e filósofo alemão Bert Hellinger.

¹² Técnica estudada e difundida pelo especialista em negociação e escritor William Ury.

coordenador institucional. Assim que realizou o curso, voltou para Alto Paraíso, na sede do IBC para propor uma oficina no IBC e testar o modelo na sequência. Depois de 5(cinco) meses, foi realizada uma mudança no estatuto do IBC, já contemplando a estrutura sociocrática, tornando-se a primeira organização a adotar a Sociocracia no Brasil; na sequência o CASA Latina, braço da GEN, também adotou.

Para a pesquisadora Diane Leaf Christian (2003), após visitar diversas Ecovilas e entrevistar diversas pessoas, 90% das Ecovilas não saem do papel e do sonho ou falham no meio do caminho devido ao que ela denominou Conflito Estrutural. Identificar as visões diferentes dos membros e convergi-las para uma visão compartilhada por meio da prática da autogestão sociocrática torna a gestão de conflitos mais eficaz.

De acordo com Rafael, em 2015, a Sociocracia foi adotada no Terra Luminous, quando aconteceu a segunda rodada de sociocracia – a sociocracia 3.0 – e sua apostila foi traduzida para o português com elementos da Comunicação Não Violenta - CNV. À época, a ecovila já oferecia cursos de comunicação não violenta com a residente fundadora Fabiana Maia que sempre fomentou essa prática coletiva no intuito de sustentar o enraizamento daquilo que ela denomina a arte da conexão. Segundo ela, a sociocracia veio como desafio para soltar o poder estrutural. Na mesma época foi criado o Instituto Terra Luminous e novos moradores, residentes até hoje, foram reunidos à comunidade. Para implementar a sociocracia 3.0 na ecovila, utilizou-se, inicialmente, o modelo testado no IBC, adaptado para esse novo laboratório.

A sociocracia acessa a inteligência coletiva como nenhum outro modelo e coloca esta a serviço da organização. Parte do pressuposto que todas as pessoas têm conhecimento e experiência de vida e, geralmente, estão juntas fazendo coisas em comum. Isso vale tanto para uma comunidade e para uma empresa. Tanto formal, quanto informal. O fato é que, conhecemos nas organizações apenas o modelo hierárquico de poder estrutural, cuja base dessa pirâmide tem os que servem e no topo os privilegiados de poder - modelo conhecido por seu baixo engajamento e alta insatisfação (FOUCAULT, 1979).

Pautada na equivalência, transparência, eficácia e inclusão, a sociocracia S3 se preocupa em difundir a informação de forma equivalente entre os membros, praticando a livre circulação de informação, com foco em otimizar meios para o resultado e permitindo mudanças de estratégia ao longo do processo. O modelo sociocrático do Terra Luminous trabalha com três tipos de reuniões: governança; gestão operacional; e

emocional (Quadro 4). Eles partem da premissa que, sem trabalhar o emocional (as feridas, os julgamentos, as inseguranças), a governança e o operacional acabam emperrando (e as pessoas acabam adoecendo ou deixando a organização ou comunidade).

Figura 5 - Divisão da estrutura organizacional na ecovila Terra Luminous.



Fonte: Adaptado de Oliveira, 2019, slides de aula.

O que a prática da sociocracia na ecovila busca é envolver e engajar todos nas tomadas de decisão por meio da equivalência. Isto é, distribuir a informação e contemplar a escuta de todos, sem perder de vista a eficácia de cumprir objetivos e tomar as decisões por consentimento. Ela ganha em termos de tempo do modelo tradicional de tomar decisão por consenso e dos modelos clássicos de autocracia e de democracia. Isto porque na autocracia, só quem tem o poder estrutural é contemplado na medida em que na democracia, a minoria não é contemplada.

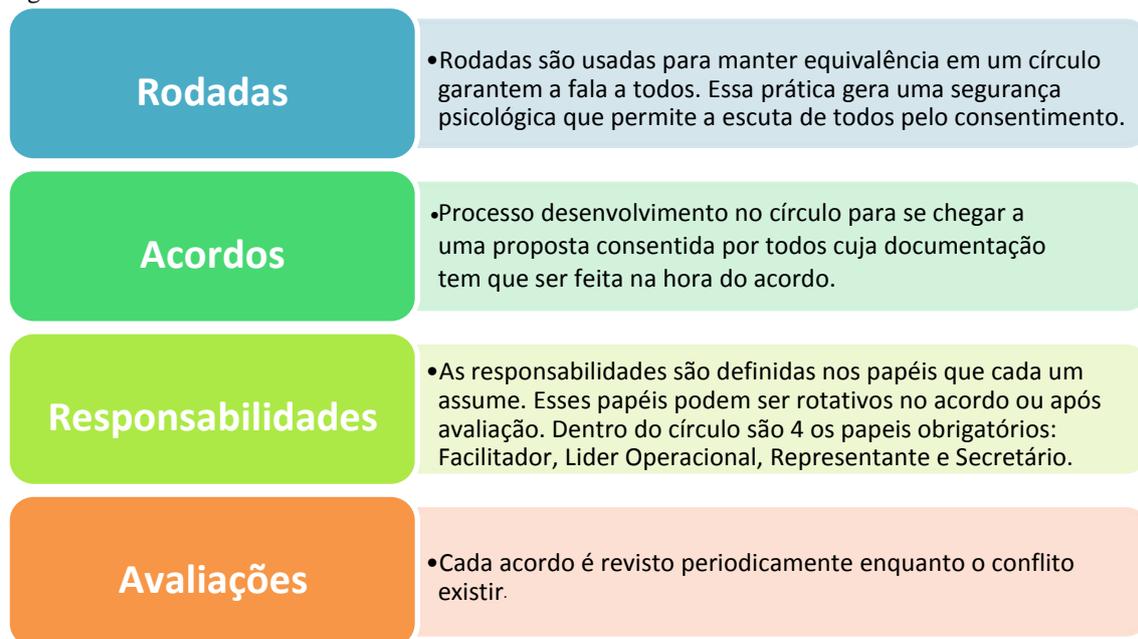
Numa reunião sociocrática, clássica, ou S3, o foco é a busca para uma solução de conflito que seja “suficientemente boa para o momento e segura o suficiente para ser testada” (OLIVEIRA, 2019). Não existe uma busca pela melhor solução que não aquela possível para aquele momento. A ideia é chegar a uma hipótese a ser testada que só será considerada boa ou não, de acordo com os resultados que apresentar depois do teste. A

sociocracia S3 permite utilizar diversas dinâmicas para avaliar, e, se necessário, modificar uma proposta implementada de forma a ajustá-la ao tempo, limitações e circunstâncias reais.

Nesse modelo, “conflitos são necessidades não atendidas” (OLIVEIRA, 2019). Apesar de nas apostilas de sociocracia não se utilizar o termo conflito, e sim, tensão. No Terra Luminous, por conta da prática de comunicação não violenta – CNV – os residentes estão habituados a utilizar o termo conflito como sinônimo. Isso explica o uso do termo tensão no trabalho etnográfico de Siqueira (2012). Neste trabalho, no entanto, respeitando-se as diferenças e o vocabulário dos sujeitos, optou-se pelo uso do termo conflito.

Num esquema geral, existem 4(quatro) práticas que norteiam a sociocracia S3 no Terra Luminous (Figura 5). A primeira é a prática de rodadas em que todos podem falar ou se abster dentro do círculo – roda de membros criada em torno do mesmo interesse/assunto. A segunda é a geração de acordos, via consentimento, dentro desses encontros. A terceira é a distribuição de responsabilidades dentro e fora do círculo. Ideal que cada círculo tenha ao menos 4 pessoas. Caso o círculo seja menor que quatro pessoas, um membro pode aderir no máximo dois papéis, reduzindo o círculo a um número mínimo de duas pessoas por conta do elo duplo. Enquanto que a quarta prática, é a rotina de revisão de acordos para avaliação de resultados e reavaliação de ações operacionais.

Figura 6 - Práticas norteadoras da sociocracia.

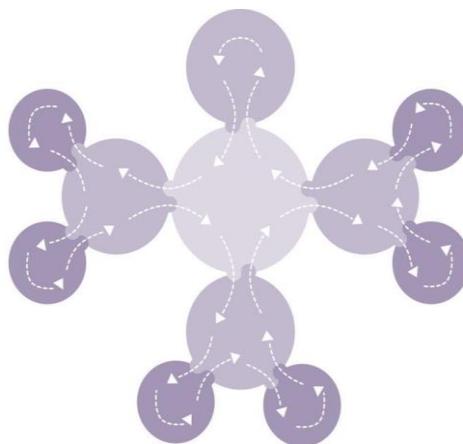


De acordo com Christian (2013) em seu artigo “*Auto-gobierno com círculos y enlaces dobles*”, existem quatro papéis importantes para o funcionamento de cada círculo: um facilitador, um líder operacional, um secretário e um representante. Um papel fundamental na sociocracia é o papel do facilitador que é a pessoa que, na roda de busca por consentimento em torno de um acordo, vai prezar pelo equilíbrio entre eficácia e equivalência. O facilitador é selecionado pelos membros do círculo para facilitar as reuniões, seguir a pauta e manter o foco no objetivo da reunião.

O facilitador também tem a função de recordar os princípios e explicar aos demais como funciona o modelo de sociocracia corretamente. Ao dar atenção a todos os participantes do círculo – via escuta ativa – o grupo vai ganhando aderência e agilidade nas reuniões. Após ouvir todos do círculo em tempo cronometrado por igual entre os presentes e ponderar os argumentos, o facilitador indica uma das pessoas nomeadas para preencher o papel de líder operacional e faz uma rodada de consentimento. Para melhor funcionamento da proposta de Sociocracia S3, é necessário que haja rotatividade na nomeação do facilitador.

Os círculos se unem pela presença dos dois outros papéis: líder operacional e o representante (Figura 6). Enquanto o líder operacional se ocupa de distribuir a informação e transformar o acordo em ação, o representante faz a conexão com os círculos adjacentes transmitindo as informações. Além do facilitador, do líder e do representante, há o papel do secretário, que registra a reunião na forma de acordo, todos eleitos/nomeados dentro do círculo, via consentimento. O secretário, por sua vez, é responsável pelo registro por escrito da ata da reunião e dos acordos aprovados.

Figura 7 - Dinâmica de fluxo de informação entre círculos via elo duplo.



Fonte: Oliveira, 2019, explicação baseada nos slides de aula.

Com a Sociocracia S3 aplicada, a visão do grupo é que esses conflitos são acolhidos dentro de uma reunião semanal apelidado “uikitavivo” e são trabalhados por meio da escuta empática e das técnicas de comunicação não violenta – a ecovila é um dos principais polos de difusão do Brasil. As reclamações/elogios/sugestões/desabafos têm espaço oral garantido nesses encontros e são entendidos como insights para melhorar o que ainda pode ser melhorado.

As reuniões do “uikitavivu” são semanais, a princípio, mas se houver uma demanda interna para uma realização com mais brevidade, ela é acionada, pois a ideia é que os conflitos sejam resolvidos com celeridade. Nessas reuniões participam apenas os moradores, voluntários e visitantes não são permitidos. Atualmente, a comunidade conta com um acordo para contemplar a saída de um membro. Cada pessoa é importante e por isso antes do desligamento total, esse membro terá suas queixas acolhidas dentro desse espaço seguro chamado “uikitavivu” para espaços “limpeza” emocional desenvolvido no Terra Luminous a partir do Fórum.

Em linhas gerais, funciona como um encontro disposto em roda em que a pessoa que precisa esvaziar a mochila emocional, vai ao centro falar e escolhe alguém para ser seu espelho e dar um feedback sobre o que foi exposto a partir de outro ponto de vista, a partir da escuta ativa.

Em síntese, acreditar que a inteligência coletiva é superior a inteligência individual é a base da sociocracia. A inteligência coletiva emerge quando um campo para exercício da inteligência coletiva é propício. Isso mexe nas estruturas de poder e esse é um constante desafio de toda implementação de governança, seja em Ecovilas ou em outras organizações. Em geral, ninguém gosta de fazer reuniões para resolver conflitos, mas quando fazem, predomina um sentimento de corresponsabilidade na solução compartilhada, e todos se sentem mais conectados.

Nesse sentido, a sociocracia S3 cria a liga estrutural necessária para que essas reuniões operacionais ocorram e a ferramenta “uikitavivu” esvazia a bagagem emocional para remover possíveis bloqueios do grupo. A incessante busca constata nos discursos sobre desenvolvimento pessoal e sustentabilidade social funcionam como diretrizes para as ações das rotinas dos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível observar que o grupo estudado de residentes da ecovila Terra Luminous aparenta unido e apresenta-se satisfeito com a adoção do método sociocracia S3 para governança. A ecovila foi pioneira na adoção da governança dinâmica e constatou-se que se encontra num estágio de maturidade organizacional quanto à compreensão de seu território ocupado e processos de tomada de decisão. No entanto, ainda encontra no cotidiano problemas a serem superados. Entre os principais problemas nos dizeres de seus residentes, existe uma morosidade em função das decisões em coletivo e um certo desperdício de tempo para informar o que acontece no entorno. Ainda sobre o fator tempo, foi identificada uma reclamação unânime sobre a quantidade de horas dispendidas semanalmente para exercício das rodadas de consentimento em busca de acordos dentro do modelo sociocrático S3 adotado.

A sustentabilidade é apontada como principal peso na hora de tomar uma decisão na gestão, o fator financeiro pode ser apontado como secundário, mas qualquer decisão só é efetivada depois da elaboração de um acordo que contemple a solução e que seja do consentimento de todos do círculo ao qual pertence a demanda.

A Ecovila Terra Luminous não pretende romper com o modelo capitalista e admite a importância de gerar condições financeiras que permitam a manutenção do espaço já que a ecovila tem “muita terra e pouca gente”. Esta é uma questão de central de sustentabilidade, mas as decisões são tomadas visando o longo prazo.

É notável a unanimidade da aprovação do sistema sociocrático como sistema de governança e, por sua alta capacidade de adaptação, este está sempre desafiando os membros a pensar novas formas de agilizar as tomadas de decisão coletiva.

É visível o cuidado que o grupo detém com o espaço, seja individual ou compartilhado, uma vez que não existe o conceito de propriedade particular bem como o esforço de impactar os visitantes ao compartilhar a visão de mundo sustentável, aproximando a prática do discurso. Fica comprovado por esse estudo de caso que a ecovila como novo modelo de convívio social não é só viável, mas também capaz impactar positivamente o mundo quanto à crise ambiental que enfrentamos. Pesquisas futuras em novas Ecovilas podem investigar melhor novas formas de governança. Novos estudos investigando os conflitos e engajamento nas tomadas de decisões em outras

Ecovilas e como elas se organizam são interessantes, uma vez que há uma multiplicidade crescente de casos no Brasil e no mundo.

A sociocracia S3, não parece ser o ponto de partida ou de chegada para a governança, mas parece ser um caminho válido de organização de ecovila para convívio coeso e escuta ativa de todos os ecovileiros, trazendo estabilidade para a comunidade no quesito resolução de conflitos de gestão.

Não há fórmulas que determinam o sucesso da gestão de corresponsabilidade distribuída dentro de uma ecovila, pois cada comunidade exigirá uma organização estrutural distinta de tomada de decisão. Mas esse estudo de caso demonstra um exemplo real no que se refere à possibilidade de engajamento e autonomia dos sujeitos, empoderados nas esferas individual e coletiva, para gestão sustentável de ecovila quanto território em constante ocupação, modificação e construção identitária.

CONCLUSÃO GERAL

No decorrer dos estudos para a realização deste trabalho, é possível observar que o fenômeno contemporâneo Ecovilas é uma realidade que atrai olhares crescente de todos os setores. Apesar de a produção acadêmica em português sobre o tema ainda ser recente, indica uma área bastante promissora que não para de se multiplicar.

Cada Ecovila, por sua justaposição geográfica e de comunidade identitária, possui uma realidade distinta da outra, tornando-as um tipo de assentamento humano bastante peculiar. A diretriz central de sustentabilidade permeia todas as decisões dentro de uma Ecovila e as torna verdadeiros laboratórios vivos de ideias, ao permitir novos pensares e novas soluções de moradia e convívio. Justamente por toda essa dinamicidade, o conceito Ecovila carece de ser atualizado constantemente.

Além do seu apelo fortemente ecológico, as ecovilas também têm em sua dimensão social grandes desafios. Não raro, sobrevoa o pensamento romântico de que viver numa Ecovila é a decisão mais acertada da vida para se viver em harmonia com a natureza e muitos são os que cultivam isso como um sonho idílico. Porém o que se verifica na realidade é que esse bucolismo não passa de uma quimera, pois o viver em comunidade é, na verdade, uma opção por viver em constante conflito em busca das soluções sustentáveis. Aqueles que aceitam o desafio e fazem dele um estilo de vida, alertam que, antes da mudança de endereço, é preciso uma mudança de consciência, de padrão de consumo e de responsabilidade junto ao ecossistema, pois não existe a parte, somente o todo.

Independentemente de se morar ou não numa ecovila, a sustentabilidade habitada é uma área que merece mais estudos, principalmente no quesito da gestão sustentável, pois há muito a se aprender em novos estudos de caso de governança de Ecovila e, a partir desse campo de estudo, transitar interdisciplinarmente para outras esferas. Estudar em profundidade o desafio da governança e do conflito estruturado, é estudar a sustentabilidade em sua dimensão social, e mais estudos de casos são bem-vindos para compreender esse mecanismo de interação de membros em prol do interesse coletivo. Pode-se concluir afirmando que ecovilas é um fenômeno contemporâneo importante para a reflexão da sociedade em sobre consumo, relacionamentos interpessoais, identidade coletiva e convívio integrado com o meio ambiente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alberto Carlos. O efeito do contexto e posição da pergunta no questionário sobre o resultado da medição. **Opinião Pública**. Campinas, v. 8, n. 2, p. 328-339, Oct. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 08 de nov. 2019.
- AGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARAÚJO, Carlos Alberto; Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/>. Acesso em: 10 set. 2019.
- BANG, Jan Martin. **Ecovillages: A practical guide to sustainable communities**. Gabriola Island: New Society Publishers, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições. 70, 2016.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2003.
- BELLEZE, Gabriela et al. BRAZILIAN ECOVILLAGES AND IBGE SUSTAINABLE DEVELOPMENT INDICATORS: A COMPARATIVE ANALYSIS. **Ambient. soc.**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 223-238, Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 14 de nov. 2019.
- BISSILOTTI, Paula Miyuki Aoki; SANTIAGO, Alina Gonçalves; OLIVEIRA, Roberto. Avaliação de desempenho da sustentabilidade nas ecovilas. **Paisagem e Ambiente**, (22), 164-171. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/90623>. Acesso em: 10 set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i22p164-171>.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRAUN, Ricardo. **Desenvolvimento ao Ponto Sustentável: Novos Paradigmas Ambientais**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CAPELLO, Giuliana. **Meio Ambiente & Ecovilas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- CAPRA, Fritjot. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix. 1997.
- CAPRA, Fritjot. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CHRISTIAN, Diana Leafe. **Auto-gobierno com círculos y enlaces dobles**. Disponível em: <https://sociocracia.net/sociocracia-paracomunidades-parte-ii/>. Acesso em: 13 nov.

2019.

CHRISTIAN, Diana Leafe. **Creating a Life Together: practical tool to grow ecovillages and intentional communities**. Gabriola Island, New Society Publishers 2003.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988

COOPER, Donald; SCHINDLER, Pamela. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

COSTA-PINTO, Alessandra Buonavoglia. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CONSTRUÇÃO DE SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E OS AFETOS EM ESPINOSA**. In: **DE ORIENTE A OCIDENTE: ESTUDOS DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS**. VOLUME IV. Coimbra: Angelus Novus Editora. 2019.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

CUNHA. "Da 'tragédia dos comuns' à Ecologia Política: perspectivas analíticas para o manejo comunitário dos recursos naturais". **Raízes**, vol. 23, n° 01 e 02, 2004, p. 10-26.

CVM – Comissão de Valores Mobiliários. **Recomendações da CVM sobre Governança Corporativa**. 2002. Disponível em <http://www.cvm.gov.br/export/.pdf>
Acesso em: 10 set. 2019.

DAWSON, Jonathan. **Ecovillages: New Frontiers for Sustainability**. Devon, UK: Green Books Ltd. 2006.

DAWSON, Jonathan. **Ecoaldeias: Novas fronteiras para a sustentabilidade**. Águas Santas: Edições Sempre-Em- Pé, Ed. 24. 2010.

DIAS, Maria Accioly; LOUREIRO, Carlos Frederico; CHEVITARESE, Leandro; SOUZA, Cecília de Mello. Os Sentidos e Relevância das Ecovilas na construção de Alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, n. 3, 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0083v2032017>. Acesso em: 10 set. 2019.

EDENBURG, Gerdard. **Sociocracy: As social design**. Eduron. Delft Holanda. 1998.

ESTIGARA, Adriana. **Consentimento livre e esclarecido na pesquisa envolvendo seres humanos**. 2006. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/consentimentolivre-e-esclarecido-na-pesquisa-envolvendo-seres-humanos> Acesso em: 10 set. 2019.

FABRI, Adriano. **Ecovilas: uma análise comparativa a partir das dimensões da sustentabilidade**. Dissertação de Mestrado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. 2015. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/>
Acesso em: 10 set. 2019.

FACCIN, Luciano Victor. **Modelos de sustentabilidade: ecovilas brasileiras: Um estudo de viabilidade e implementação.** Trabalho de conclusão de curso – UFSC. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em: 10 set. 2019.

FLORES, Barbara. Nascimento; DAL POZZO TREVIZAN, Salvador Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável: uma avaliação de piracanga, Bahia. **Sociedade & Natureza**, v. 29, n. 3, p. 455-467, 12 abr. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/40994> Acesso em: 10 set. 2019. <https://doi.org/10.14393/SN-v29n3-2017-7>

FOLADORI, Guillermo. Avanços e limites da sustentabilidade social. **Revista Paranaense de Desenvolvimento.** Curitiba, n. 102, p. 103-113, junho, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro, Ed. Graal. 1979.

GAIA EDUCATION. **Educação para o design de ecovilas.** Versão 5. Gaia Education, 2012. Disponível em: <https://gaiaeducation.org/wp-content/uploads/Portugues.pdf> Acesso em: 10 set. 2019.

GAIA EDUCATION. **Jonathan Dawson.** (2019). Disponível em: <https://www.gaiaeducation.org/face-to-face/trainers/jonathan-dawson/> Acesso em: 13 set. 2019.

GAIA TRUST. **Our vision.** (2019). Disponível em: <https://gaia.org/gaia-trust/our-vision/> Acesso em: 10 set. 2019.

GEN. **Annual Report 2018.** (2019a). Disponível em <https://ecovillage.org/annualreport-2018/> Acesso em: 10 set. 2019.

GEN. About GEN. **What is an Ecovillage?** (2019b). Disponível em <https://ecovillage.org/about/about-gen/> Acesso em: 10 set. 2019.

GEN. **UN ECOSOC Status.** (2019c). Disponível em <https://ecovillage.org/ourwork/advocacy/> Acesso em: 10 set. 2019.

GEN. **Global Ecovillage Network.** (2009). Recuperado em janeiro de 2009, de <http://gen.ecovillage.org>. Acesso em: 10 fev. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILMAN, Robert. **Comunidade sustentável - um desafio.** 1991. Disponível em: <http://www.oocities.org/heartland/creek/4760/gilman.htm>. Acesso em: 10 set. 2019.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

HAIR, Joseph F. et al. **Fundamentos de pesquisa de marketing.** Tradução Francisco Araújo Da Costa. Porto Alegre: Bookman, 2010.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens. 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Edição eletrônica.
<http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/2212> Acesso em: 10 set. 2019.

HULSMEYER, A. F. A Ecovila urbana: uma alternativa sustentável. **Akrópolis**, Umuarama, v. 16, n. 1, p. 31-44, jan./mar. 2008. DOI:
<https://doi.org/10.25110/akropolis.v16i1.2212>

INGLEHART, Ronald F. **Culture shift in advanced industrial society**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

IPC - Instituto de Permacultura e Ecovilas do Ceará. **Quem somos**. [S.I.]: Disponível em: <http://permaculturaceara.org.br/quem-somos/> Acesso em: 13 set. 2019.

IPEC - Instituto de permacultura e ecovilas do cerrado. **Sobre nós**. [S.I.]: Disponível em: <http://www.ecoeficientes.com.br/ecovila-ecocentro-ipecc/> Acesso em: 13 set. 2019.

IPEMA - Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica. **Sobre**. [S.I.]: Disponível em: <http://ipemabrasil.org.br/sobre-o-ipema/>. 2019. Acesso em: 13 set. 2019.

JACKSON, H. **What is an Ecovillage?** 1998. Disponível em: <https://www.habiterautrement.org/What-is-an-Ecovillage-HildurJackson.pdf>. Acesso em: 09 set. 2019.

JACKSON, Hildur; JACKSON, Ross. **Global Ecovillage Network History: 1990-2004**. (2004). Disponível em http://gaia.org/wp-content/uploads/HJackson_GENHistory.pdf Acesso em: 09 set. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEFF, E. Pensar a complexidade ambiental. In: LEFF, E. (Coord.). **A complexidade ambiental**. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15- 64.

LIMA, Gustavo da Costa. O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável. **Revista Política & Trabalho**, nº 13: 201-222, João Pessoa: PPGS/UFPB, setembro/1997.

LINDGREN. Alves, J. A. A HABITAT-II e as Encruzilhadas de Istambul. **Contexto Internacional**; Rio de Janeiro Vol. 19, Ed. 1, (Jan-Jun 1997): 41-70. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/0ca4e967f86eb7379466e874d2ef9df7/1?pqorigsite=gscholar&cbl=1936339>. Acesso em: 09 set. 2019.

LONGARAY, Andre Andrade; POPIOLEK Jr., Tales Luiz; MUNHOZ, Paulo Roberto; GERI, Fernanda Santos; CASTELLI, Tiago Machado. **Caracterização da produção**

científica brasileira sobre a aplicação de métodos multicritério de apoio à decisão: uma análise das publicações entre 2004 – 2013. In: XXXV Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2015. **Anais.** Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/.pdf> Acesso em: 10 set. 2019.

LUCCI, Elian Alabi. **A era pós-industrial, a sociedade do conhecimento e a educação para o pensar.** [S.I.]. Disponível em: <http://www.hottopos.com/vidlib7/e2.htm>. Acesso em: 09 set. 2019.

LUCK. Gestão educacional: estratégia, ação global e coletiva no ensino. In. FINGER, A. et al. **Educação: caminhos e perspectivas.** Curitiba: Champagnat, 1996.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: MARQUEZINI, M. C.; MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M (Org.). **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas. Amostragens e técnicas de pesquisa. Elaboração, análise e interpretação de dados.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos.pdf> Acesso em: 10 set. 2019.

MOLLISON, Bill, & SLAY, Reni Mia. **Introdução à Permacultura.** Austrália: Tagari Publications, 1991.

MOLLISON, Bill. **Permaculture, a designer manual.** Austrália: Tagari Publications, 1989.

OCB - Organização das Cooperativas do Brasil. **Manual de Boas Práticas de Governança Cooperativa.** 2016. Disponível em http://www.ocesc.org.br/documentos/manual_boas_praticas.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

OLIVEIRA, Rafael. **Curso presencial sobre Sociocracia S3.** Notas de Aula. Instituto Terra Luminous. 2019.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Amostragem não probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. São Paulo: Vol. 2, N 3, 2001. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_nao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacao_s_de_amostras_por_conveniencia.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza et al . A responsabilidade do pesquisador ou sobre o que dizemos acerca da ética em pesquisa. **Texto contexto-enfermagem,** Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 96-105, Mar. 2005 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 10 set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072005000100013>.

PIRES, Cristiana do Vale. **Ecoaldeias: Construindo Alternativas – Estudo exploratório do movimento social das Ecoaldeias através do Global Ecovillage Network, Tamera e Los Angeles Ecovillage**, Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto Superior das Ciências e do Trabalho, Universidade de Lisboa. 2012.

ROTH, Ana Lúcia *et al.* Diferenças e inter-relações dos conceitos de governança e gestão de redes horizontais de empresas: contribuições para o campo de estudos. **Rev. Adm. (São Paulo)**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 112-123, Mar. 2012. Acesso em: 10 set. 2019.

ROYSEN, REBECA. Mudança Cultural nas Ecovilas. In: Ilana Majerowics; Rafael Togashi; Isabel Valle. (Org.). **Ecovilas Brasil**. v. , p. 136-139. Rio de Janeiro: Bambual, 2017.

ROYSEN, Rebeca 2013. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo. 2013. SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond. 2002.

SANTO JR, Severino José; **Zelosamente habitando a Terra: Ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, 2016.

SANTOS JR, Severiano José dos. Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo. In: Encontro da ANPPAS, III, 2006, Brasília – DF. **Anais**. Brasília: Associação Nacional Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2006, p.1-16.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1985.

SCIASCI, Victor; GARCIA, Sheila. Farias Alves; GALLI, Lesley Carina do Lago. Posicionamento de Marcas Globais: Um Estudo Bibliométrico da Produção Científica na Área. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 11, n. 2, p. 67-93, 2012. Disponível em: <http://www.revistabrasileirmarketing.org/> Acesso em: 10 set. 2019.

SIQUEIRA, Gabriel De Mello Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantivas e instrumental na gestão de ecovilas: novas fronteiras do campo de estudos**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2012. . Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/> Acesso em: 10 set. 2019.

SIQUEIRA, Gabriel de Melo Vianna. Atuação. **Curso online de Ecovilas**. Notas de Aula. Instituto Irradiando Luz. 2015.

SIQUEIRA, Gabriel de Melo Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: novas fronteiras do campo de estudos**.

Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SIQUEIRA, Gabriel de Melo Vianna. Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental: estudo de caso em uma ecovila no sul da Bahia. **Caderno EBAPE.BR**, v. 15, n. 4. Rio de Janeiro, Out/Dez. 2017.

SIQUEIRA, Gabriel de Melo Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: novas fronteiras do campo de estudos**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SPINAK, Ernesto. **Dicionário enciclopédico de bibliometria, cienciometria e infometria**. Caracas: UNESCO, 1996. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/> Acesso em: 10 set. 2019.

STEVENSON, William J. **Estatística Aplicada à Administração**. São Paulo: Harbra, 1981. p. 166-169.

SVENSSON, Karin. What is an ecovillage? In: JACKSON, H.; SVENSSON, K. (Ed.). **Ecovillage living: restoring the earth and her people**. Devon: Green Book and Gaia Trust, 2002.

TERRA LUMINOUS. Site institucional. 2019. Disponível em: <https://terraluminous.eco.br/>. Acesso em: 10 set. 2019.

THE SOCIOCRACY CONSULTING GROUP. **Fundamentos de Sociocracia: Manual de Referência do Treinamento**. 2014. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/traducao-FINAL-Fundamentos-DaSociocracia-manual-de-Referencia-Traducao>. Acesso em: 10 set. 2019.

THEIS, Ivo Marcos. A sociedade do conhecimento realmente existente da perspectiva do desenvolvimento desigual. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 5, n. 1, p. 133-148, 2013.

UFSB. **Apresentação do curso Programa Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências e Tecnologias Ambientais**. Disponível em: <https://www.ufsb.edu.br/cfcam/posgraduacao>. Acesso em: 30 out. 2019.

VASCONCELOS, Yumara Lúcia. Estudos Bibliométricos: Procedimentos Metodológicos e Contribuições. **UNOPAR Científica**. Revista de Ciências Jurídicas e Empresariais, v.15, n.2, p. 211-220, 2014. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com.br/index.php/juridicas/article/view/307> Acesso em: 10 set. 2019.

WAGNER, Felix. Ecovillage Research Review. In: WAGNER, Felix; ANDREAS, Marcus (Eds.). **Realizing Utopia: Ecovillage Endeavors and Academic Approaches**, RCC Perspectives, n. 8, p. 81-94, 2012.

APÊNDICE 1

<i>N.</i>	<i>Título</i>	<i>Plataforma de base de dados</i>	<i>Tipo de publicação</i>	<i>Ano de publicação</i>	<i>Área</i>	<i>Primeiro autor</i>	<i>Link de acesso</i>
1	A comunidade dos clássicos e a nova comunidade: um estudo da organização de Ecovilas	Google Acadêmico	Dissertação	2018	Administração	Machado, Matheus Oliveira	https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/184521
2	A Sustentabilidade em ecovilas: desafios, propostas e o caso da Ecoovila 1–Arcoo	Google Acadêmico	Artigo	2010	Gestão Ambiental	Cunha, Eduardo	https://doi.org/10.24857/rgsa.v4i1.216
3	Análise das ecovilas na atualidade: um estudo de caso da comunidade "12 tribos"	Google Acadêmico	Artigo	2017	Administração	Ferreira, Camila Cristina	http://www.revistaconbrad.com.br/editorial/index.php/conbrad
4	Análise sobre o planejamento e o não planejamento de ecovilas e comunidades sustentáveis	Google Acadêmico	Artigo	2014	Arquitetura	Soares, Thais Aline	https://doi.org/10.18256/2318-1109/arqimed.v3n2p118-125
5	Aprendizagem e espiritualidade em Ecovilas: quando “o Universo todo ensina”	RCAAP/Google Acadêmico	Tese	2017	Educação	Comunello, Luciele Nardi	http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7372
6	Assentamentos e Ecovila: no caminho da agroecologia	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2009	Ciências Sociais	Lozano, Mirian Cristina	https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4088
7	Caminhos para a sustentabilidade: da individualização da metrópole às contribuições do movimento de ecovilas	Google Acadêmico	Artigo	2015	Meio Ambiente	Brandão, Gabriela Gazola	http://dx.doi.org/10.17271/23178604342015945
8	Comunidades intencionais: Um estudo sobre dimensões da	Google Acadêmico	Artigo	2019	Meio Ambiente	Morais, Sebastião Ferreira	http://www.sadsj.org/index.php/revista/article/view/259/227

	sustentabilidade em ecovilas paulistas						
9	Comunidades intencionais: velhos novos espaços de fuga	Google Acadêmico	Dissertação	2017	Geografia	Morão, Regina Célia Gonçalves	http://www.ri.unir.br/jspui/handle/123456789/1845
10	Consumo responsável sob a perspectiva prático-teórica: um estudo etnográfico em uma ecovila	Google Acadêmico	Tese	2014	Administração	Borelli, Fernanda Chagas	https://mac.arq.br/wp-content/uploads/2016/03/Consumo-Cons
11	Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil : o papel das relações sociais e dos elementos das práticas	RCAAP/Google Acadêmico	Tese	2018	Sociologia	Roysen, Receba	http://repositorio.unb.br/handle/10482/32820
12	Difusão de práticas sociais sustentáveis em nichos de inovação social de base: o caso do movimento das ecovilas	DOAJ	Artigo	2018	Meio Ambiente	Dias, Maria Accioly	https://revistas.ufpr.br/made/article/view/46673/30139
13	Diretrizes para o desenvolvimento de Ecovilas Urbanas	Google Acadêmico	Tese	2014	Arquitetura e Urbanismo	Januário, José Flávio	http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102131/tde-100
14	Ecoaldeias. Práticas para um futuro sustentável	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2010	Arquitetura	Algarvio, Iuri Cristóvão Cavaco	https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2891
15	Ecoaldeias: construindo alternativas : estudo exploratório do movimento social das ecoaldeias através do global ecovillage network, Tamera e Los Angeles Ecovillage	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2012	Antropologia	Pires, Cristiana do Vale	https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4991

16	Ecoaldeias: práticas de cuidado a nível global e local	RCAAP/Google Acadêmico	Artigo	2013	Sociologia	Pires, Cristiana do Vale	https://journals.openedition.org/configuracoes/1935
17	Ecofeminismo e comunidade sustentável	RCAAP/Google Acadêmico/DOAJ	Artigo	2015	Estudos de gênero	Flores, Bárbara Nascimento	https://www.jstor.org/stable/pdf/estufemi.23.1.11.pdf?seq=1#p
18	Ecotopias, ambientalismo e o cuidado como fator de sustentabilidade: contributos oriundos de comunidades intencionais, da permacultura e da mudança intencional de estilos de vida	RCAAP/Google Acadêmico	Tese	2017	Antropologia	Pires, Cristiana do Vale	https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/15680
19	Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável: uma avaliação de Piracanga, Bahia	RCAAP/Google Acadêmico/DOAJ	Artigo	2018	Antropologia	Flores, Bárbara Nascimento	https://www.redalyc.org/pdf/1690/169049174005.pdf
20	Ecovila como alternativa no mundo contemporâneo	Google Acadêmico	Dissertação	2018	Arquitetura	Britto, Ana Luiza Rodrigues de	https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34301/34301.PDF
21	Ecovilas brasileiras e indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE: uma análise comparativa	Google Acadêmico	Artigo	2017	Sustentabilidade	Belleze, Gabriela	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-7
22	Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2013	Psicologia Social	Royzen, Rebeca	http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31072
23	Ecovilas e Condomínios Ecológicos como Alternativas na Habitação Sustentável	Google Acadêmico	Artigo	2014	Interdisciplinar	Cecchetto, Carise Taciane	http://www.revistaelectronica.unicruz.edu.br/index.php/electronica

24	Ecovilas: Análise das características fundamentais	Google Acadêmico	Artigo	2016	Ciências Ambientais	Moraes, David Onezio	https://pdfs.semanticscholar.org/9243/7019ede7c05d57562325a
25	Ecovilas: aprendizagens, espiritualidade e ecologia	Google Acadêmico	Artigo	2015	Antropologia	Comunello, Luciele Nardi	https://www.redalyc.org/pdf/1690/169049174005.pdf
26	Ecovilas: desenvolvendo a sustentabilidade em comunidade	Google Acadêmico	Artigo	2018	Meio Ambiente	Fabri, Adriano	https://www.researchgate.net/publication/324452788_Ecovilas_
27	Ecovilas: Inovações sustentáveis no modo de viver	Google Acadêmico	Artigo	2016	Gestão Ambiental e Sustentabilidade	Palmeira, Danielle	http://eventos.ecogestaobrasil.net/congestas2016/trabalhos/pdf
28	Ecovilas: Tecnologias voltadas a sustentabilidade comunitária	Google Acadêmico	Artigo	2018	Estudos Sociais da Ciências e Tecnologias	Fabri, Adriano	https://www.researchgate.net/publication/324418340_ECOVILA_kP7nqiHpGSFCIF4biyZeUUGopNeeliFRzACK40eK0g0w1FX_gMU
29	Ecovilas: uma análise comparativa a partir das dimensões da sustentabilidade	Google Acadêmico	Dissertação	2015	Tecnologia e Sociedade	Fabri, Adriano	http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/handle/1/1362
30	Educação Ambiental em Ecovilas: uma etnografia sobre aprendizagem	Google Acadêmico	Artigo	2015	Educação	Comunello, Luciele Nardi	https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6138500
31	Educação ambiental nas experiências das ecovilas: integrando as dimensões de sustentabilidade	Google Acadêmico	Artigo	2017	Educação Ambiental	Dias, Maria Accioly	http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0024.pdf
32	Entre ruínas, metamorfoses e violetas: experiência de sociomuseologia na comunidade de Terra Mirim	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2017	Museologia	Fiuza, Ana dos Anjos	https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24290

33	O corpo e a adoção de práticas sustentáveis: estudo de caso de uma ecovila	RCAAP/Google Acadêmico/DOAJ	Artigo	2018	Psicologia	Roysen, Receba	http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30164236
34	O fenômeno das ecovilas no Brasil contemporâneo	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2018	Arquitetura e Urbanismo	Arruda, Beatriz Martins	http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/123456789/1/123456789.pdf
35	O Nicho das Ecovilas no Brasil: Comunidades isoladas ou em diálogo com a sociedade?	DOAJ/Google Acadêmico	Artigo	2018	Desenvolvimento sustentável	Roysen, Rebeca	https://doi.org/10.21664/2238-8869.2017v6i3.p99-121
36	O santo daime como catalizador e estilo de vida dos moradores de uma ecovila em viçosa - MG	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2014	Economia Doméstica	Castro, Ludmira Marinho	http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/6874
37	O sistema viário de Brasília e os problemas da integração de um novo bairro na cidade: o Ecovila Setor Noroeste	Google Acadêmico	Artigo	2011	Geografia	Dantas, André Gustavo M. De F.	https://core.ac.uk/download/pdf/48868071.pdf
38	Organizações sustentáveis: Uma reflexão sobre sustentabilidade e ecovilas	Google Acadêmico	Artigo	2011	Geografia	Campani, Michele Mucio	https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/123456789
39	Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis	Google Acadêmico	Artigo	2017	Sustentabilidade	Dias, Maria Accioly	http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0083v2032017
40	Pensamento complexo, sociedade de consumo e perspectivas de sustentabilidade no universo e dinâmica das ecovilas	Google Acadêmico	Artigo	2018	Interdisciplinar	Bôlla, Kelly Daiane Savariz	http://revistas.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/view/1698

41	Pequenas ações podem mudar o mundo: transformações e ecovilas	RCAAP/Google Acadêmico	Tese	2017	Antropologia	Cabrera, Magali López	https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180898
42	Perspectivas da visão transdisciplinar holística e suas contribuições para a construção de uma sociedade ecológica: o caso da Ecovila Terra Una, Liberdade-MG	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2012	Ciências Ambientais	Bôlla, Kelly Daiane Savariz	http://repositorio.unesc.net/handle/1/520
43	Projeto de reabilitação urbana-Eco Aldeia: Cabeço Monteiro, Idanha-a-Nova	Google Acadêmico	Dissertação	2013	Arquitetura	Barros, Joana Martins de	https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2378
44	Quintã: estratégias para ordenamento paisagístico	RCAAP	Dissertação	2012	Arquitetura e Urbanismo	Santos, Elvira Margarida Ferreira	https://repositorio.utad.pt/handle/10348/2486
45	Relação entre sustentabilidade e espaço construído em ecovilas e comunidades sustentáveis no sul de Minas Gerais	Google Acadêmico	Dissertação	2017	Arquitetura e Urbanismo	Diório, Ana Carolina Dias	http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/11532
46	Sintra Eco Camping	RCAAP	Dissertação	2014	Turismo	Steinbusch, Lina	https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/18932
47	Sistema econômico das ecovilas sob abordagem da economia social	Google Acadêmico	Artigo	2011	Meio Ambiente	Costa, André Rosmaninho	http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content
48	Sustentabilidade e bem-estar humano: duas faces da mesma moeda? : estudo exploratório do bem estar subjectivo em comunidades intencionais que vivem	RCAAP	Dissertação	2010	Saúde Pública	Esteves, Marta Sofia Batista Morais	https://run.unl.pt/handle/10362/5819

	segundo princípios de sustentabilidade							
49	Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas: novas fronteiras do campo de estudos	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2012	Administração	Siqueira, Gabriel de Mello Vianna	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96361	
50	Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental: estudo de caso em uma ecovila no sul da Bahia	RCAAP/Google Acadêmico/DOAJ	Artigo	2017	Administração	Siqueira, Gabriel de Mello Vianna	http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/arti	
51	Um outro mundo é possível? Uma análise de uma ecovila de Paraty - RJ	Google Acadêmico	Artigo	2015	Educação ambiental	Veiga, Livan Chiroma	https://www2.ib.unicamp.br/profs/eco_aplicada/revistas/be597	
52	Uma abordagem sistêmica da sustentabilidade - A interconexão de suas dimensões nas práticas das ecovilas	DOAJ	Artigo	2019	Sustentabilidade	Dias, Maria Accioly	http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0012r1vu19l1ao	
53	Uma outra forma: modos de habitar alternativos na Ecoaldeia de Cabrum, Viseu	RCAAP/Google Acadêmico	Dissertação	2016	Artes	Grybenaite, Saule	https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/86194	
54	Zelosamente habitando a terra: ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas.	RCAAP/Google Acadêmico	Tese	2016	Geografia	Santos Júnior, Severiano José dos	https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/20636	

55	"Somos todos um" = vida e imanência no movimento comunitário alternativo	Google Acadêmico	Dissertação	2012	Antropologia	Caravita, Rodrigo	http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279335
56	"Da realidade ao sonho": uma tentativa de planejamento participativo do parcelamento do solo para a Ecoagrovila Renascer desenvolvido pelo EMAU/CASAS/FAU/UnB	DOAJ	Artigo	2017	Arquitetura e Urbanismo	Andrade, Liza Maria Souza de	https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n17.2016.07

APÊNDICE 2



TERMO DE ANUÊNCIA DA COMISSÃO GESTORA DA ECOVILA

Eu, Fabiana Bandeira Maia, responsável pelo Instituto Terra Luminous, situado na Estrada da Fazenda Vista Verde, 7300, Juquitiba - SP, CEP 06950-000, estou ciente, de acordo e autorizo, em nome da Comunidade, a execução da pesquisa intitulada “*Governança de Ecovilas*” coordenada pela pesquisadora Luíza Luchi Marchini, mestranda da pós graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais UFSB/IFBA, portadora de carteira de identidade RG nº [REDACTED], expedida pelo órgão SAC-BA, CPF [REDACTED].

Declaro conhecer e cumprir a Resolução 466/2012 do CNS; afirmo o compromisso institucional de apoiar o desenvolvimento deste estudo; e sinalizo que esta instituição está ciente de suas responsabilidades, de seu compromisso no resguardo da segurança/bem-estar dos sujeitos da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tais condições após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

A pesquisadora, por sua vez, deve observar às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos, zelando por sua segurança e bem-estar.

A diretoria do Instituto é composta pelos membros abaixo listados:

- | | |
|-----------------------------------|-----------------|
| 1.NOME: Fabiana Bandeira Maia | |
| CARGO: Coordenadora Institucional | CPF: [REDACTED] |
| 2.NOME: Glenn Nicholas Suba | |
| CARGO: Coordenador Executivo | CPF: [REDACTED] |
| 3.NOME: André Luis de Araújo Lima | |
| CARGO: Coordenador Financeiro | CPF: [REDACTED] |

Juquitiba/SP 05 de fevereiro de 2019.

Fabiana Bandeira Maia

APÊNDICE 3

Roteiro Semi-Estruturado de perguntas ao indicado(a) como porta voz do conselho de gestão administrativa da ecovila

I – CARACTERIZACAO DA ECOVILA:

1. Nome da comunidade:
2. Localização (cidade/estado):
3. Contato que responsável por fornecer as informações da ecovila:
4. Posição/atuação dentro da comunidade:
5. Referem-se à sua comunidade pelo termo “ecovila”?
6. Ano de compra do primeiro terreno:
7. Quantos hectares no total atualmente?
8. Ano de fundação da comunidade:
9. Fato consideração marco da fundação:
10. A quem pertence o terreno?
11. Número de membros totais (indivíduos):
12. Número de membros residentes na comunidade:
13. Número de famílias residentes na comunidade:
14. Qual o propósito de criação do Terra Luminous?
15. Como se define a comunidade Terra Luminous?
16. Missão:
17. Visão:
18. Seguem alguma doutrina ou religião específica? Qual?
19. Principais fontes de rendimento da comunidade:
20. Áreas de formação dos membros:
21. Principais áreas de atuação profissional dos membros:
22. Atividades desenvolvidas pela ecovila:
 - () Acolhimento de cursos, retiros e vivências.
 - () Programas de voluntariado
 - () Projetos socioambientais do instituto.
 - () Agricultura
 - () Criação de animais
 - () Pesquisa. De que tipo? Extração de oleos essenciais.
 - () Ativismo político. Modo de viver mais saudavel.
 - () Programa de alimentação consciente.
 - () Outros. Quais?
23. Das opções assinaladas acima, qual é a principal fonte de renda da sua comunidade?
24. Qual é a forma de moradia dessa comunidade?

25. Assinale todas as práticas socioambientais desenvolvidas na sua comunidade e o ano em que se iniciaram:

- compostagem dos resíduos orgânicos.
- agricultura orgânica.
- agrofloresta.
- permacultura.
- construção com adobe/suoadobe/hiperadobe.
- construção com cob.
- construção com pau-a-pique.
- bioconstrução com bambu.
- banheiro seco.
- bacia de evotranspiração (BET).
- biodigestores.
- painéis solares para gerar energia.
- utilização de roda d'água para
- cuidado com as nascentes de água.
- reutilização de águas cinzas.
- captação de água das chuvas.
- reuniões de partilha.
- comunicação não violenta (CNV).
- tomada de decisão por consenso.
- sociocracia (Tomada de decisão por consentimento).
- alimentação saudável e consciente.
- alimentação vegetariana e/ou vegana.
- atividades de meditações conjuntas.
- almoços comunitários.
- cozinha comunitária.
- prática de carros compartilhados.
- prática de casas compartilhadas (*cohousing*)
- dinheiro alternativo
- Outras. Quais? _____.

26. Das práticas compartilhadas e atividades desenvolvidas na ecovila, quais são consideradas pilares?

27. Quais são as estruturas comunitárias do empreendimento?

28. No momento a comunidade esta aberta a entrada de novos membros?
29. Como é o processo de entrada de novos membros?
30. Existem pessoas que deixaram a comunidade desde a fundação?
31. Consegue indentificar fatores pelos quais as pessoas saíram?
32. Como é o processo de desligamento de uma pessoa da comunidade?
33. Esse processo de entrada e saída é estruturado formalmente?

II – DETALHAMENTO DE GESTÃO DA ECOVILA:

1. Qual o modelo de governança adotado nesta ecovila?
2. Quais são os princípios que norteiam esse modelo adotado?
3. Como conheceu esse modelo?
4. Dentre as práticas já adotadas, quais são as duas que considera mais importantes para a governança da ecovila?
5. Como foi o processo de implantação na comunidade?
6. Quais são as maiores dificuldades de governança enfrentadas no momento?
7. Essas práticas já chegaram a ser questionada e/ou reavaliadas?
8. Alguém mais já tinha tido algum tipo de experiência com a prática desse modelo de governança antes?
9. Como foi o processo de implantação dessas práticas de governança? Ocorreram questões que não haviam sido previstas? Como lidaram com isso? Fizeram adaptações?
10. Quais são as maiores dificuldades no desenvolvimento dessa prática? Algumas pessoas ainda apresentam resistência a essa prática?
11. Quais são os acordos formais e informais criados para implementar e desenvolver essas práticas?
12. Vocês se baseam em quais documentos formais?
13. Vocês acreditam que o modelo de governança atual adotado aqui poderiam ser adotadas pelas pessoas que não vivem em ecovilas?
14. Vocês já receberam algum tipo de crítica pelo trabalho que desenvolvem?
15. Existiram práticas de governança que vocês tentaram ou pensaram em desenvolver na comunidade, mas que não foram para frente? Por quê?
16. Você acredita que as relações da sua ecovila com pessoas de fora (visitantes) contribui para a difusão das práticas sustentáveis que desenvolvem? Já aconteceu de alguém se inspirar no trabalho de vocês e adotar alguma prática?
17. Em sua opinião, quais novas práticas a ecovila deve buscar desenvolver no futuro?
18. Em sua opinião, o que uma pessoa deve saber ou aprender para viver em uma comunidade sustentável?
19. Gostaria de acrescentar algum comentário com relação às práticas desenvolvidas na ecovila?

APÊNDICE 4

Questionário para avaliação da percepção de governança do morador de ecovila

1- IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO (A)
1.1. Nome da ecovila de residência: _____
1.2. Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Prefiro não declarar
1.4. Idade: _____ <input type="checkbox"/> Prefiro não declarar
1.5. Nacionalidade: <input type="checkbox"/> Brasileiro <input type="checkbox"/> Outra: _____
1.6. Escolaridade: <input type="checkbox"/> Não alfabetizado <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto <input type="checkbox"/> Ensino médio completo <input type="checkbox"/> Técnico <input type="checkbox"/> Superior incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo <input type="checkbox"/> Pós-graduação <input type="checkbox"/> Prefiro não declarar
1.7. Tipo de morador: <input type="checkbox"/> Morador proprietário <input type="checkbox"/> Morador não proprietário <input type="checkbox"/> Temporário/Voluntário. Se morador, há quanto tempo: _____
1.8. Exerce função de gestor ou faz parte da comissão gestora: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Gestor(a) há quanto tempo: _____
2 - AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DE GOVERNANÇA
2.1. Você se interessa por assuntos relacionados a governança e tomada de decisões? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sabe/ Não respondeu
2.2. Você acha que, de um modo geral, essa comunidade é bem administrada? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sabe/ Não respondeu
2.3. Você sabe a visão dessa comunidade? <input type="checkbox"/> Sim, definição: _____ <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sabe/ Não respondeu
2.4. Você sabe a missão dessa comunidade? <input type="checkbox"/> Sim, definição: _____ <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sabe/ Não respondeu
2.5. O que você compreende por governança? _____ <input type="checkbox"/> Não sabe/ Preferiu não responder
2.6. Como você avalia a importância da governança dessa comunidade? <input type="checkbox"/> Nenhuma importância <input type="checkbox"/> Pouca importância <input type="checkbox"/> Importante <input type="checkbox"/> Muita importância <input type="checkbox"/> MUITÍSSIMA importância
2.7. Em poucas palavras, como você descreve a forma de estrutura prática de gestão dessa comunidade? _____
2.8. Você concorda com a forma que a comunidade é gerida atualmente? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sabe/ Não respondeu
2.9. Acredita que alguns moradores discordam desse formato? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sabe/ Não respondeu
2.10. Você sabe como os gestores lidam com as críticas? <input type="checkbox"/> Sei. Como? _____ <input type="checkbox"/> Não sabe/ Preferiu não responder
2.11. Na sua opinião, existem conflitos na ecovila? <input type="checkbox"/> Sim. Quais? _____ <input type="checkbox"/> Não sabe/ Preferiu não responder
2.12. Você sabe como os membros da ecovila lidam com esses conflitos?

- [] Sei. Como? _____
 [] Não sabe/ Preferiu não responder
- 2.13. Vocês realizam assembleias/reuniões gerais?
 [] Sim. Qual periodicidade? _____ [] Não./ Preferiu não responder
- 2.14. A comissão gestora se reúne com regularidade?
 [] Sim. Qual periodicidade? _____ [] Não./ Preferiu não responder
- 2.16. Quais os principais pontos positivos da gestão atual dessa ecovila? (não ler as respostas) (mais de uma resposta pode ser marcada)
 [] Comunicação ativa [] Transparência [] Clareza na divisão de papéis
 [] Preserva a biodiversidade [] Credibilidade [] Feedback
 [] Gestão democrática [] Organização [] Prestação de contas
 [] Outra: _____
- 2.17. Quais os principais pontos negativos da gestão atual dessa ecovila? (não ler as respostas) (mais de uma resposta pode ser marcada)
 [] Comunicação falha [] Falta de Transparência [] Indistinação na divisão de papéis
 [] Não preserva biodiversidade [] Falta de Credibilidade [] Falta de feedback
 [] Gestão autoritária [] Falta de organização [] Falta de prestação de contas
 [] Outra: _____
- 2.18. Saberria dizer como se dá a relação da Ecovila com as comunidades vizinhas e/ou habitantes do entorno?
 [] Sei. Como? _____
 [] Não sabe/ Preferiu não responder
- 2.19. Existem documentos que orientam as atividades da ecovila e/ou comissão gestora?
 [] Não [] Sim. Quais? _____
- 2.20. A ecovila conta com um organograma?
 [] Não [] Sim. Quando foi a última atualização? _____
- 2.21. Como você avalia comissão gestora atual?
 [] Ruim [] Adequada [] Boa [] Prefiro não opinar
- 2.22. Você exerce papel decisório dentro da comissão gestora?
 [] Sim [] Não [] Não sabe/ Não respondeu
- 2.23. Existe rotatividade nesses papéis?
 [] Sim [] Não [] Não sabe/ Não respondeu
- 2.24. Já ouviu falar em sociocracia?
 [] Sim. Descreva em poucas palavras: _____
 [] Não sabe/ Preferiu não responder
- 2.25. Você sabe como funciona o processo de decisão da comissão gestora?
 [] Sim. Como? _____ [] Não sabe/ Não respondeu
- 2.26. Você acha que é necessária melhoria na proposta de governança?
 [] Sim. Em que aspecto? _____ [] Não sabe/ Não respondeu
- 2.27. De quem é a responsabilidade de melhorar a governança? (não ler as respostas) (mais de uma resposta pode ser marcada)
 [] Moradores [] Comissão Gestora [] Não sabe/ Não respondeu
 [] Outros: _____

APÊNDICE 5

Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(De acordo com as normas da Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “**GOVERNANÇA DE ECOVILA**”, que faz parte do Projeto de dissertação “Gestão sustentável de ecovilas: uma proposta alternativa de governança”, da área de concentração “Gestão, Política e Manejo Ambiental”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias Ambientais - PPGCTA/UFSB/IFBA.

Você foi selecionado de forma aleatória e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento sem precisar apresentar justificativas para isso. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com as instituições.

Os dados dos participantes e os questionários serão mantidos sob sigilo, em local seguro e apenas de acesso pelos pesquisadores. As informações e materiais aqui coletados serão utilizados somente para fins acadêmicos e científicos, sendo divulgados em congressos e revistas científicas, preservando-se o anonimato dos participantes.

Embora toda coleta de dados com seres humanos implique em algum tipo de risco, seja ele moral, intelectual, psíquico, social ou outros, será assegurado ao (a) participante da pesquisa a dignidade. Caso se sinta constrangido (a), ou tenha dificuldade de expor opiniões ou problemas, você tem o direito de recusar a responder o questionário e sua participação não fará parte da pesquisa. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da sua participação no estudo, poderá ser compensado (a) conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Dentre os benefícios desta pesquisa, está a de poder colaborar com o diagnóstico da gestão sustentável de ecovilas e na identificação dos conflitos existentes, possibilitando entender a relação dos residentes com a tomada de decisão. Além disso, este estudo pode ser comparado com outras realidades similares a partir da publicização dos resultados, contribuindo assim com as diferentes reflexões acerca da governança de ecovilas.

Não haverá desembolsos pessoais para ao (a) participante em qualquer fase desta pesquisa. Também não haverá compensação financeira relacionada à sua participação.

Caso você queira, poderá ser informado (a) de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

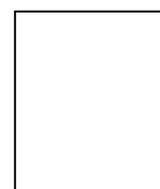
Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com a pesquisadora responsável Luíza Luchi Ramos Santos, no e-mail luizaluchi@gmail.com.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Juquitiba (SP), ____ de ____ de 20__.

Responsável Legal: Luíza Luchi Ramos Santos

 Sujeito da pesquisa ou Responsável Legal



Impressão do
 dedo polegar
 (Caso não saiba
 assinar)